

ANO XVII - Nº 71 - 2001

ISSN 01025279

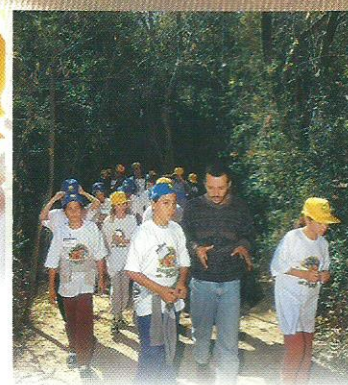
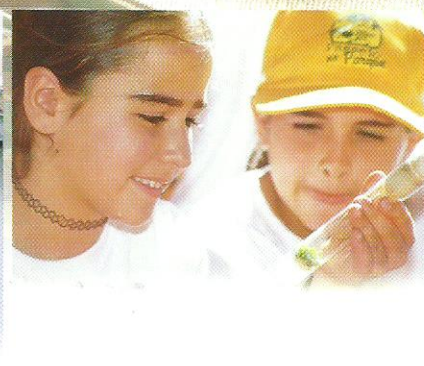
CELULOSE & PAPEL

**O Seqüestro
que limpa
o planeta**

Uma
política para
resíduos sólidos

Projetos Educacionais International Paper.

Lição de Casa e de Biblioteca.



PROJETOS
SOCIO
AMBIENTAIS

INTERNATIONAL  PAPER



O **GRUPO INTERNATIONAL PAPER** FABRICA PAPEL DE EUCALIPTOS E PINUS RENOVÁVEIS. SUA CULTURA DOMINA A MELHOR TECNOLOGIA DO HOMEM: CULTIVAR PARA COLHER.

DE SUAS FÁBRICAS TAMBÉM SAEM BENEFÍCIOS RECONHECIDOS COMO A TRILOGIA DO FUTURO: PROJETOS NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE QUE SUSTENTAM E PRESERVAM A RIQUEZA DA VIDA.

Grupo International Paper do Brasil



Ação Política, Indispensável para a Exportação

Boris Tabacof *

Diferentemente do que se observa na iniciativa privada, os governos são regidos por um componente característico, o verdadeiro motor que transforma em realidade as pequenas e as grandes decisões, que é a vontade política da parte de quem exerce o poder.

Qualquer empresa bem organizada da iniciativa privada analisa todos os cenários possíveis para seus negócios, seleciona e planeja com objetividade suas ações de curto, médio e longo prazos e a seguir as executa.

Já no setor governamental, inúmeros exemplos demonstram que, para que um programa de trabalho – por melhor que seja – realmente possa funcionar, não basta estruturá-lo com talento, esforço e dedicação, como ocorre nas empresas.

A ilustração mais recente dessa realidade é a criação da Câmara de Gestão do Comércio Exterior, que vem para tornar exequível uma política de exportação, anunciada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso como um dos principais objetivos do País neste final de sua gestão.

A Bracelpa vem, há longo tempo, apresentando ao governo um conjunto de pleitos que objetivam viabilizar investimentos destinados à exportação, bem como ações específicas para ampliar a competitividade dos produtos do setor e assegurar condições de isonomia com nossos concorrentes internacionais.

Esses pleitos – que, em grande parte, coincidem com os reclamos de todos os exportadores brasileiros – poderão agora ser tratados politicamente, junto às diversas áreas do governo que sobre eles atuam, possibilitando dessa forma que as exportações brasileiras galguem um novo e mais elevado patamar.

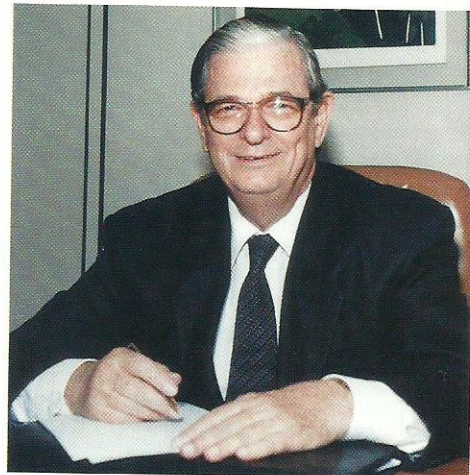
A nomeação do ministro Sérgio Amaral, diplomata experiente e permanente defensor do comércio internacional, demonstra cabalmente a vontade política do presidente Fernando Henrique Cardoso e de seu governo, no sentido de por em prática um programa de trabalho intensamente articulado com todas as áreas de governo e com as entidades empresariais, que vise resultados concretos.

No contexto da ênfase do governo brasileiro ao comércio internacional, a Camex-Câmara de Comércio Exterior, que foi organizada para indicar caminhos e soluções possíveis para se conseguir o incremento das exportações dos produtos *made in Brazil*, sempre batalhou com criatividade pela identificação de problemas e soluções, com a participação de suas gerências temáticas e setoriais. Desde a gestão de seu primeiro secretário, o então embaixador Sérgio Amaral, até a atual, do secretário Roberto Giannetti da Fonseca, houve intenso trabalho, que proporcionou o alcance de resultados importantes, porém relativamente tímidos, em face das necessidades da balança comercial brasileira. Faltavam-lhe, para isso, as indispensáveis condições políticas agora conquistadas, com o advento da Câmara de Gestão do Comércio Exterior, sob a liderança do ministro Sérgio Amaral.

Todos temos perfeita consciência de que a tarefa é árdua e de longo prazo, que exige intenso e competente trabalho e também que nem sempre os resultados alcançados a cada degrau conquistado serão condizentes com a intensidade do esforço despendido.

Mas, a despeito dos percalços, agora agravados pela retração mundial, estamos certos de que o novo enfoque contribui decisivamente para o êxito desta missão, até agora impossível. Por essa razão o setor de celulose e papel registra seu voto de total confiança na Câmara que acaba de ser criada e em seu titular.

Boris Tabacof,
presidente da
Bracelpa



CELULOSE & PAPEL

Ano XVII - Nov./Dez. de 2001 - nº 71

A revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da
Bracelpa - Associação Brasileira de
Celulose e Papel

Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3885-1845
<http://www.bracelpa.com.br>

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Leomir Trombini
Mário Hígino Leonel
Ruy Haidar



Não contamine
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela
Unipress Empresa de Comunicação
ISSN 0102-5279

UNIPRESS
EMPRESA DE COMUNICAÇÃO

Diretoria

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Diretor de Redação e Editor

Reginaldo Finotti

Coordenação Editorial

Eliane Barbosa

Redação

Eliane Barbosa
Simone Feliciano
Vera Monteiro

Fotos

Alex Silva
Ana Miranda

Revisão

Simone Feliciano
Eliane Barbosa

Arte e Editoração

Ricardo Nabarrete

Capa

Produção

Simone Feliciano

Foto

Abril Imagem

Publicidade

Rosa Murillo

Relações Públicas

Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade

Avenida Paulista, 2006 - 11º andar
Conj. 1109 - Fone/Fax (11) 251-1122
CEP 01310-926 - São Paulo - SP
redacao@unipresscomunicacao.com.br

Fotolitos e Impressão

Studio A

Esta revista foi impressa em: Image Art 145g/
m² (capa) e Image Art 90g/m² (miolo) - Ripasa
SA.

ABTCP 07/01/02
Associação Brasileira Técnica de
Celulose e Papel
CENTRO DE INFORMAÇÕES

O bilionário mercado do CO2

Na esteira do Protocolo de Kyoto, uma série de acordos ambientais, sobretudo o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) abre porta para projetos e negócios, como é o caso do seqüestro do carbono via florestas novas, que se apresenta com um mercado potencial altamente rentável. Os carbon credits funcionarão como uma espécie de indulgência ecológica que permitirá as empresas de países ricos, comprometidas com metas de redução de emissões, investimentos em projetos de purificação do ar localizados em países pobres.

6

Plantar sai na frente

O Grupo Plantar entra no mercado de commodities ambientais até o final do ano. A empresa recebeu investimentos do Banco Mundial para substituir carvão mineral por vegetal, estocando carbono em árvores e fixando-o no ferro gusa. Com esse projeto a Plantar vai juntar créditos de carbono, que pretende retirar mais de 11 milhões de toneladas de CO2 do meio ambiente.

10

Cresce eficácia da embalagem

A crescente demanda por alimentos com maior durabilidade têm feito que as projeções sinalizem a expansão do mercado de embalagens no setor alimentício. Outro fator é a modernização do parque industrial dos fabricantes de papelão ondulado que estão preenchendo com mais eficácia os novos requisitos da cadeia logística dos seus clientes.

14

Política de Resíduos Sólidos

Até o final do ano o País deve ganhar uma Política Nacional de Resíduos Sólidos. O relatório preliminar está sendo discutido pelos diversos setores industriais e ambientais, e após receber propostas e contribuições para mudanças no atual texto, seguirá para votação no plenário da Câmara.

22

E MAIS

Gente: Aureliano Ieno Costa

18

Conjuntura

27

Noticiário

29

Já pensou o que podemos fazer por você?



- ☞ Líder no fornecimento de envoltórios para papel "cut size" suprindo mais de 50% do consumo do mercado
- ☞ Inovou o mercado de envoltórios sendo a pioneira em impressão em policromia e laminação de papel e bopp
- ☞ Impressoras flexográficas de alta resolução e tecnologia voltadas exclusivamente para o mercado de envoltórios
- ☞ Soluções Integradas com estúdio interno para suporte no desenvolvimento de novos projetos de envoltórios
- ☞ Sistema JIT/FP (Just In Time/ Franchising Program) abastecendo diretamente as linhas de produção
- ☞ Geradores próprios que garantem a auto-suficiência de energia elétrica para 100% do consumo

ANTILHAS®
Soluções Integradas para Embalagens

Rua Ceará, 78/120 - Alphaville - Barueri - SP
Fone: (11) 4166-4148 - Fax: (11) 4166-4183



NOVA Impressora Flexográfica COMEXI
8 cores com alta resolução, última geração tecnológica. Única no Brasil voltada para fabricação de envoltórios para papel "cut size", permitindo melhor qualidade de impressão e versatilidade nos trabalhos.

www.antilhas.com.br

O rentável negócio de CO₂

Projetos ambientais ganham investimentos no Brasil

Eliane Barbosa

“nos próximos anos o mundo vai investir cerca de 100 bilhões de dólares nesse desafio”

Um novo filão começa a ser explorado e já começa a tomar forma um bilionário mercado potencial de negócios e projetos ambientais, gerando um interesse das empresas sem precedentes. Trata-se de projetos de redução dos gases que produzem o efeito estufa – o anel de gás que envolve o planeta a 20 quilômetros de altitude, abafando-o e aquecendo a temperatura (eles permitem que o calor saia, levando ao aquecimento global da Terra e trazendo sérias conseqüências: descongelamento das geleiras, aumento do nível do mar, inundação de plantações e cidades costeiras, etc). Os empresários o chamam de seqüestro de carbono. Nos próximos anos o mundo vai investir cerca de 100 bilhões de dólares nesse desafio.

Desde a revolução industrial (1751), o homem jogou 270 bilhões de toneladas de gases (como dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e

CFC– metade disso apenas nos últimos 30 anos) na atmosfera, e hoje, temos um “cobertor” que impede o calor do Sol refletido pela terra de escapar. O resultado é o efeito estufa.

Dos 7 bilhões de toneladas despejadas atualmente no ar, 6 bilhões vem de combustíveis fósseis (petróleo e carvão, por exemplo). De 1960 para cá, as emissões de CO₂ na atmosfera triplicaram. O Relatório Planeta Vivo revela que as emissões hoje chegam a 14 bilhões de toneladas /ano, bem acima da capacidade de absorção da Terra que é de 12 bilhões de toneladas/ano. O resultado disso são o aquecimento do Planeta e as conseqüências das mudanças climáticas.

A realidade desse negócio do seqüestro de carbono começou a tomar forma em 13 novembro de 2000, em Haia, na Holanda, onde houve a 6ª Conferência da Convenção sobre Mudanças Climáticas com a participação de 20 000 diplomatas, cientistas, economistas e empresários de 84 países. Na Conferência buscou-se regulamentar os mecanismos de uma inovadora maneira de multiplicar empreendimentos e negócios que diminuam o efeito estufa, dos quais o carbono (CO₂) é o principal.

A Eco 92 no Rio de Janeiro, estabeleceu o principio de que os países industrializados deviam reduzir suas emissões de gases que provocam o efeito estufa. Os países em desenvolvimento não estão sujeitos a estas limitações porque seu crescimento econômico poderá exigir maior consumo de combustíveis fósseis que resultará em maiores emissões.

Plantações de florestas, a saída para o desenvolvimento limpo



O protocolo de Kyoto

O Protocolo de Kyoto de 1997, ainda não ratificado, estipulou que o conjunto de países industrializados deverá reduzir suas emissões de gases que provocam o “efeito estufa” em cerca de 5% em relação ao seu nível de emissão de 1990, ou seja, 300 milhões de toneladas de carbono por ano, no período 2008-2010. O consenso a que se chegou posteriormente em julho último na COP6, em Bonn (Alemanha), baixou para cerca de 2% a redução média das emissões de gases dos países industrializados, em relação aos níveis de 1990, até o ano de 2012. Na COP6 os EUA se isolou, com a recusa de ratificar o Protocolo de Kyoto. Até hoje, somente o Reino Unido e a Alemanha cumpriram o compromisso de reduzir suas emissões ao nível de 1990. Entre os grandes emissores de CO2 do planeta estão as grandes nações industrializadas: Estados Unidos, antiga USSR, Japão e Alemanha. Porém, países em desenvolvimento como China, Índia e Brasil, não sujeitos ao protocolo a reduzir suas emissões, já estão entre os sete maiores emissores mundiais de carbono. O Brasil passa a ocupar o 17º lugar, se somente forem consideradas as emissões oriundas de combustíveis fósseis.

As operações e instituições que administrarão o chamado Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) promoverão uma alavanca financeira para permitir que empresas poluidoras



Abrit Imagem

Os maiores emissores de CO2 do planeta são as grandes potencias

de países ricos, comprometidas compulsoriamente com metas custosíssimas de redução de emissões, invistam em projetos mais baratos de purificação do ar localizados em países pobres. Em troca, elas recebem “créditos de carbono”. O MDL pode criar um mercado de até US\$ 2,4 bilhões por ano para os países emergentes dispostos a vender créditos. O potencial anual desse mercado é de US\$ 10 bilhões.

A lógica da transação: a atmosfera é uma só para todos e não importa onde o projeto seja executado. Assim, de posse desses créditos certificados, as companhias poderão “abatê-los” das suas metas de redução de gases, desde que isso complemente, e não substitua, seu programa doméstico de despoluição. Na prática, elas vão poder adquirir direitos temporários para continuar a emitir seus gases.

“O Protocolo de Kyoto foi assinado por 178 países, - com exceção dos Estados Unidos”

País	Ranking de emissão de carbono –CO2
Emirados Árabes	1º
Singapura	2º
Kuwait	3º
Estados Unidos	4º
Dinamarca	5º
Brasil	86º



arquivo Planter

Florestas: eficientes
prisões de CO₂

Mercado do carbono

Os *carbon credits* funcionarão como uma espécie de indulgência ecológica.

Eles poderão ser negociados entre empresas e transacionados em bolsa como “ativos ambientais”. E, embora tudo isso ainda seja inteiramente hipotético, pois o protocolo de Kyoto precisa ser ratificado para entrar em vigor, o certo é que um animado mercado internacional de carbono já começa a funcionar.

Os projetos já estão em andamento no Brasil, México, Bolívia, Costa Rica e Austrália. Enquanto o protocolo de Kyoto ganha forma, o seqüestro de uma tonelada de CO₂ passaria de 5 dólares atuais para 20 dólares em 2005 e 75 dólares em 2020. Caso o impacto negativo do clima se intensifique, a evolução será de 5 dólares, para 50 em 2005 e 305 em 2020.

Os países desenvolvidos podem fazer acordos de implementação conjunta entre si e negociar “saldos”. Assim, aqueles que hoje mandam para o ar menos carbono que em 1990, como a Rússia e a Ucrânia, às voltas com a estagnação econômica e o declínio industrial, podem vender seus “direitos” de emissão.

O protocolo de Kyoto deverá entrar em vigor entre 2008 e 2012, depois de ter sido ratificado pelos signatários responsáveis por pelo menos 55% das emissões em 1990, o que inclui os Estados Unidos e a Rússia. Uma vez aprovado, os congressos nacionais deverão elaborar leis estabelecendo cotas, impostos e subsídios para garantir o cumprimento das metas. O Protocolo de Kyoto foi assinado por 178 países, - com exceção dos Estados Unidos.

Uma das formas conhecidas mais eficientes, atualmente, para seqüestrar este excesso de CO₂ é o desenvolvimento de plantações florestais. Devido ao vigoroso crescimento das árvores nos trópicos, 1 hectare desta floresta seqüestra muito mais CO₂, do que 1 hectare de floresta temperada. O carbono é utilizado para formar a parte lenhosa e quanto mais rápido o crescimento, maior a absorção de CO₂.

Devido ao rápido crescimento obtido no Brasil, consolidou-se uma experiência que tornou possível a absorção de CO₂ a um custo substancialmente menor.

Sequestro de carbono

O advento do mercado de carbono, com o início das atividades na inédita Bolsa Climática de Chicago, a Chicago Climate Exchange, previsto para o final do ano que vem, representa uma oportunidade importante para a economia brasileira. A atividade do florestamento e reflorestamento torna disponível para o mercado, matéria prima ecológica e competitiva. É uma forma de estocar o carbono seqüestrado. A sua produção demanda baixo consumo energético, trata-se da única fábrica limpa do mundo que consome carbono da atmosfera - o principal vilão do efeito estufa - e emite oxigênio puro. Para produzir 1 tonelada de madeira seca num reflorestamento, as árvores seqüestram 1,8 tonelada de carbono e liberam 1, 2 tonelada de oxigênio. De outro lado, o consumo energético também é um fator importante de comparação. Para se produzir tonelada de alumínio, o consumo energético medido em quilos equivalentes de carvão (kg/EC) é de 4.200 unidades. Na produção do plástico, o consumo é de 1.800 kg/EC e para madeira de apenas 0,8 kg / EC. O Brasil tem evidente vocação florestal e hoje produz em média, 450 mil metros cúbicos por ano. É pouco, levando-se em consideração seu potencial . Anualmente 62% das madeiras tratadas vão para mourões, 30% para postes, 5% para dormentes e 3% para construção civil. Construir estruturas de casas e móveis, significa manter por décadas o carbono estocado e com a possibilidade de

reciclagem do material. Além disso, nova floresta plantada em crescimento continua a seqüestrar, de maneira acelerada, taxas crescentes de dióxido de carbono da atmosfera e o ciclo se repete. Essa madeira ganha uma vida útil excepcional por um período superior a 65 anos, no caso das moradias.

Os negócios do seqüestro de gás carbono via florestas novas, ganham novos desdobramentos no mês de novembro , durante a 7ª reunião dos países signatários da Convenção de Mudanças Climáticas (COP7) em Marrakesh, no Marrocos. Durante a reunião houve uma certa expectativa de mudanças na política norte-americana, como reflexo da guerra do Afeganistão. Nesta reunião a situação de isolamento dos Estados Unidos agravou-se, ainda que a pauta desta reunião não tenha relação direta e imediata com a guerra. Da reunião COP7 sairá o texto final que transforma o Protocolo de Kyoto em lei internacional. A idéia é ter essa lei em vigor no balanço dos dez anos da Rio 92, em setembro de 2001, em Johannesburgo (África do Sul), na Conferência Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável ou Rio + 10.

A União Européia está pressionando todos os países membros a fazerem suas ratificações até junho de 2002 e abriu a possibilidade deles negociarem cotas entre si, desde que alcancem o objetivo de redução de 8% do conjunto das emissões européias, no período de 2008-2010, 3% acima do previsto no Protocolo. ♻

“Os negócios do seqüestro de gás carbono via florestas novas representa uma oportunidade importante para a economia brasileira”.

Plantar sai na frente

É com a produção do ferro gusa que a empresa mineira Plantar vai juntar créditos de carbono, que pretende, após 21 anos, retirar mais de 12 milhões de toneladas de CO2 do ambiente, que serão negociados com países desenvolvidos que não conseguirem cumprir a meta de Kyoto na redução de emissões. A preços de hoje, os créditos podem render à Plantar US\$ 57 milhões. O projeto prevê a produção do ferro-gusa a partir da queima de carvão vegetal. A Plantar espera iniciar em 2002 a venda de seus certificados de redução de emissão de CO2. Outras indústrias do setor de celulose e papel estão de olho no empreendimento da Plantar para aprender com a experiência da empresa e investir no desenvolvimento limpo.

Um grupo empresarial a frente de seu tempo

Plantar sai na frente no bilionário negócio de estocagem de CO2

Eliane Barbosa

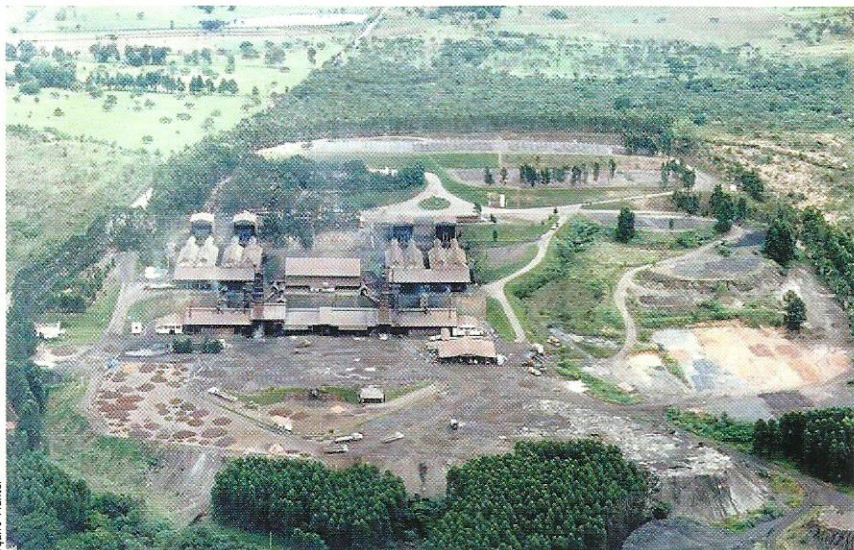
Cultivar florestas. Este era o nicho de negócio da Plantar há 34 anos. Inicialmente, a empresa familiar de engenharia florestal começou modesta, mas imediatamente ganhou vulto e virou um grupo empresarial. Planejamento, técnica e administração de florestamento e reflorestamento de eucalipto passaram ser a marca e o negócio da Plantar.

Desde 1971, uma de suas empresas, a Centro Norte, comercializa 16 milhões de mudas de eucaliptos produzidos através de sementes. E, há 17 anos iniciou um negócio próspero de clonagem de eucaliptos, que já tem garantido neste ano, 25 milhões de mudas clonais em viveiros próprios, localizados em Curvelo (MG) e Teixeira de Freitas (BA). Enraizada na filosofia do desenvolvimento sustentável, utilizando técnicas diferenciadas de silvicultura, a Plantar foi pioneira em 1986, ao inaugurar sua indústria siderúrgica para a produção de ferro-gusa baseada no carvão vegetal,

com aproveitamento das florestas próprias que foram formadas através dos incentivos fiscais do Governo Federal. A Plantar Siderúrgica é a única produtora de ferro-gusa do país, sendo assim auto-suficiente em carvão vegetal, produzindo anualmente 180 mil toneladas. Dessa produção, 60% são para consumo próprio e para o mercado local, e cerca de 40% vão para o mercado externo (EE.UU., Europa e Ásia). Nessa perspectiva e sempre vislumbrando as várias possibilidades que o mercado oferece, em 1993 a Plantar iniciou a produção e comercialização do Carvão Plantar para churrasco, que conquistou imediatamente o exigente mercado Europeu e a condição de primeiro produto brasileiro a ter o “selo verde” da FSC – Forest Stewardship Council, uma conceituada instituição internacional de certificação de qualidade.

A empresa conquistou para a sua carteira de clientes, as maiores empresas do segmento de celulose e papel, siderúrgicas e de lápis do País, graças a um rigoroso sistema de garantia de qualidade fundamentado nas normas do ISO 9002. Para isso, dispõe de grandes áreas de plantio nos Estados da Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo, totalizando o volume de plantio de 460 mil hectares de florestas formadas. Destes, 105 mil hectares produzem um milhão de m³ de madeira por ano, com as quais ela fornece o carvão vegetal que abastece outras atividades do grupo. Para atender as diversas demandas a Plantar conta com um quadro de cerca de 5 mil funcionários.

Plantar: tradição em produtos “verdes”



Seqüestro de carbono

Para o diretor e acionista da Plantar, Geraldo Alves Moura, o plantio de árvores impulsiona a economia do país e traz benefícios ambientais e sociais. Ele faz questão de frisar que o florestamento é um trabalho de agricultura, pois trata-se de cultivo de árvores. “Enquanto a agricultura normal é feita de 90 a 120 dias, obrigando um trabalho e remoção constante da terra, a árvore só é cortada de 7 em 7 anos, proporcionando uma proteção muito grande ao solo, evitando inclusive a erosão”, justifica.

O que anima Moura no entanto, é o novo empreendimento que a Plantar está trabalhando. O Grupo entrou no novo mercado de “comódities ambientais”. O Fundo Protótipo de Carbono do Banco Mundial, criado em 1999 para financiar projetos de redução de Gás Carbônico (CO₂) na atmosfera, associou-se a empresa Plantar, de Curvelo, para produzir ferro-gusa com carvão vegetal proveniente de florestas renováveis certificadas. Este pré-requisito a Plantar dispõe, pois foi certificada pela FSC por ser uma empresa que maneja florestas de maneira ecologicamente correta. O projeto substituirá o carvão mineral por carvão vegetal, estocando carbono (CO₂) em árvores e fixando-o no ferro-gusa. O projeto visa enquadrar-se no artigo 12 do Protocolo de Kyoto sob o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo – MDL - e representará o componente ambiental no mais novo produto do grupo, o “Green Pig Iron” ou ferro gusa verde.

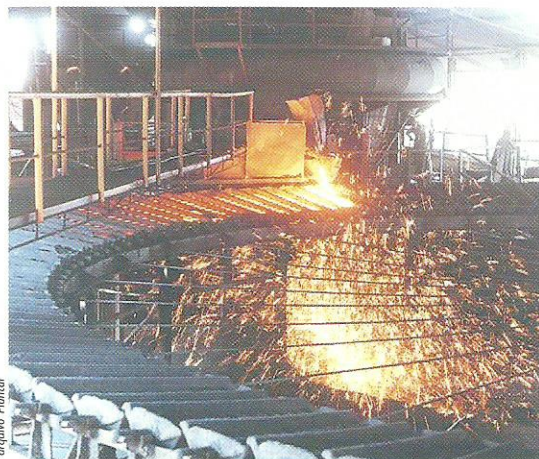
Só para se ter uma idéia da importância ambiental desse projeto, uma tonelada de gusa produzida com carvão mineral, gera 1,8 tonelada de CO₂. Com o carvão vegetal, resgata-se 1,1 tonelada de gás da atmosfera.

Segundo Moura, os investimentos globais da Plantar para este projeto, devem ficar em torno de US\$ 58 milhões do Banco Mundial. Esse investimento deve sair até o final deste ano. Desse montante, uma parte será investida em plantio florestal. A

expectativa de retorno imediato fica na ordem de 13% ao ano. “Esse projeto tem um apelo muito forte para países em desenvolvimento, com pouca disponibilidade de recursos financeiros e muita disponibilidade de mão de obra”, afirma. Segundo o diretor da Plantar, o plantio das florestas redundará em produtos com certificação de qualidade. Toda a mão de obra envolvida nele, passará por um processo de educação ambiental e qualificação profissional em elevado nível, agregando assim, o valor à mercadoria e ao projeto.

A perspectiva da empresa é plantar 23.000 hectares de clones melhorados de eucaliptos e aprisionar 3 milhões de toneladas de carbono em 21 anos. Trata-se de um “seqüestro legal”, que, além de limpar a atmosfera dos gases que produzem o efeito estufa, responsável pela elevação da temperatura da terra, vai gerar um negócio bilionário. A estocagem será creditada pela empresa ERM, de São Paulo, e o Banco Mundial comprará partes dos créditos de carbono para distribuí-los entre empresas investidoras na instituição:

- Mitsubishi, Marubeni, Ontário Electric Power, BP – Amoco e Shell entre outras.



Produção de ferro gusa com carvão vegetal



Viveiro de clones de eucalipto



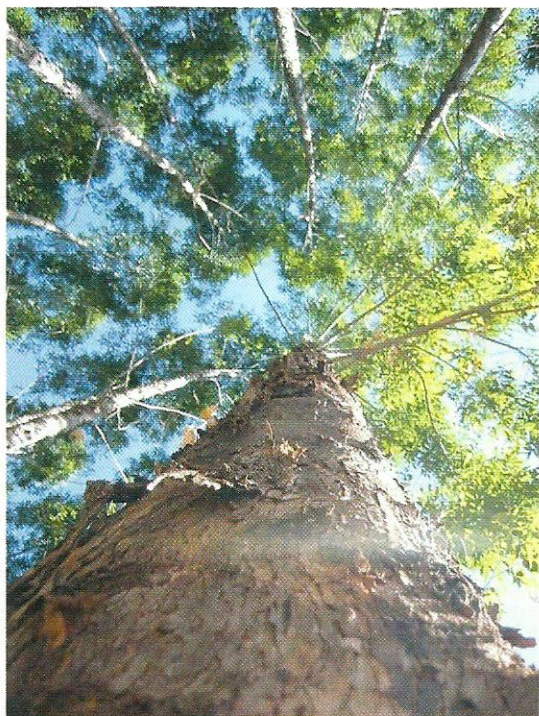
Florestas um negócio ambiental

A verdade é que as florestas, cada vez mais, são um dos grandes atrativos de investimentos. As florestas maduras vivem em equilíbrio, absorvendo carbono e emitindo oxigênio por meio de fotossíntese. Já as florestas em crescimento aumentam de massa incorporando mais gás carbônico, que é transformado em celulose. Portanto, plantar florestas é criar "um poço de carbono", sumidouros naturais de gases. O Brasil dispõe de terra

abundante, sol, água e tecnologia de silvicultura, condições vantajosas para atrair investidores. Esse conceito de "poço de carbono" é um ativo

valioso a preço baixo. Nunca houve perspectivas de investimento externo em negócios ambientais tão boas no Brasil. É um mercado ainda cercado de indefinições e, ao mesmo tempo, de boas expectativas de lucro. É a primeira vez na história que os interesses dos países, ecologistas e empresas parecem convergir.

Já existem fundos de investimentos dispostos a financiar projetos de energia limpa que reduza a emissão de gases. Tais projetos deverão atrair US\$ 1,7 bilhão em investimentos de governos e fundos nos próximos anos. Por ora, a proposta é que essas cotas podem ser transformadas em títulos, que já são negociados em bolsas. O Grupo Plantar com sua perspectiva visionária, sai mais uma vez na frente.



Crescimento vertiginoso

A Plantar foi paulatinamente aumentando seu patrimônio além dos 105 mil hectares de florestas próprias; dispõe de um edifício sede em Belo Horizonte (MG) de 5.400 m² de área construída, 175 tratores agrícolas, 41 caminhões e ônibus, 59 veículos leves, e 551 equipamentos/implementos florestais. A Plantar é presidida por Gualter de Moura Alves e tem como vice-presidente, Wilde Alves de Moura. Atualmente ela é referência no setor florestal brasileiro, através de ações embasadas em planejamento, pesquisa e tecnologia de ponta.

Entre a meta de racionamento e a de produção, fique com as duas.

Mesmo com toda a crise de energia, a indústria não precisa escolher qual meta vai atingir. As soluções WEG proporcionam mais rendimento e economia de energia, com rápido retorno de investimento. Assim, você se livra do apagão, continua produzindo e ajudando o Brasil a crescer.

Soluções WEG

Motor Alto Rendimento
0% IPI
+ 10% de desconto*
+ Plano de Troca



✓ Motor de alto rendimento + inversor de frequência gera uma economia de energia de até 50%.



✓ Capacitores corrigem o fator de potência, disponibilizando mais energia em sua instalação.



✓ Grupos geradores no horário de pico podem reduzir sua conta de luz em até 50%.

✓ E geração própria é a solução definitiva.



Entre já em www.weg.com.br, veja como economizar energia com as soluções WEG e conheça o plano de troca de motores.



Transformando energia em soluções

Embalagens mais flexíveis

Papelão e Papel Cartão apresentam vantagens competitivas na cadeia alimentícia

Vera Monteiro

A cada ano a população está se concentrando cada vez mais nas grandes cidades fato que vem impulsionando a demanda por alimentos com maior durabilidade. A preservação dos conteúdos vitamínicos nos produtos perecíveis necessitam de bom acondicionamento e embalagens específicas para o seu uso. Essas projeções sinalizam para expansão do mercado de embalagens no setor alimentício. De acordo com Paulo Sérgio Peres, presidente da Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), a modernização do parque industrial dos fabricantes de papelão ondulado melhorou ainda mais a qualidade de seus produtos e serviços. Tornando-se mais flexíveis, as empresas passaram a atender com eficácia aos novos requisitos da

cadeia logística dos seus clientes. O segmento de papelão ondulado – especialmente dentro da cadeia alimentícia – é vigoroso: 34% do consumo de caixas são absorvidas nesta área, 15% em chapas de papelão ondulado, 8% em químicos e derivados, 4% em fruticultura e floricultura, 3% das embalagens de papelão ondulado são direcionadas para o segmento de metalurgia e 3% para o setor de bebidas. Os 33% restantes são distribuídos para os outros setores. No ano passado, o setor de papelão ondulado obteve

um aumento de produtividade de 3% atingindo um total de 134 mil toneladas/homem expedidas.

À frente da ABPO por duas gestões consecutivas, o empresário Paulo Peres vem intensificando seu relacionamento com entidades internacionais ligadas ao setor, prioritariamente em duas frentes: informações estatísticas e defesa institucional do papelão ondulado. “A entidade aumentou significativamente sua participação em eventos internacionais com o objetivo de comprovar a eficácia e as vantagens competitivas das embalagens de papelão ondulado”, registra.

O setor de embalagens de papelão ondulado e papel cartão leva em consideração as mudanças no comportamento do mercado consumidor. Assim, as embalagens passaram a ser mais sofisticadas e estão mais adequadas na conservação das características do produto embalado – especialmente dos produtos perecíveis e “in natura”. O consumidor também está atento para às embalagens recicláveis e biodegradáveis. Neste elenco se destacam as embalagens em papel cartão devido às suas características de preservação ao meio ambiente: são recicláveis e biodegradáveis, tendo em vista que seu período de decomposição na natureza é curto – detalhe importante na reciclagem de papéis. Vale lembrar, que quanto maior a fabricação de papel, maior a reciclagem. Isso não é problema pois o Brasil já domina técnicas avançadas de reciclagem. Além dessa vantagem, o papel cartão tem diferenciais na sua composição: resulta da união de várias camadas de papel superpostas – iguais ou com elementos diferentes como celulose virgem extraída exclusivamente da cultura de árvores plantadas para essa finalidade, ou de recursos naturais renováveis e materiais celulósicos recicláveis. A produção de papel cartão vem contribuindo para a redução dos



Paulo Sérgio Peres,
presidente da ABPO

problemas enfrentados com o descarte de lixo (25 a 30% são resíduos de embalagens). Em 2000, das 496 mil toneladas de papel cartão consumidas, 139,4 mil foram recuperadas, representando uma percentagem de 28,1%. O papel cartão é utilizado em praticamente todos os segmentos da economia: embalagens de alimentos, produtos de higiene e limpeza, cosméticos, farmacêuticos, calçados, livros e cadernos.

Números do setor

Ano passado, a produção nacional de papel cartão foi de 520 mil toneladas. As vendas domésticas foram de 432 mil toneladas. Já as exportações atingiram a marca de 81 mil toneladas. Grande parte da produção de papel cartão está concentrada no Estado de S. Paulo que representa cerca de 70% da produção brasileira. O restante está distribuída nos Estados do Paraná, Santa Catarina e na região Nordeste. Já o consumo de papel cartão é de 3,5 kg por pessoa – menor que o da Argentina (4,3 kg). Nos Estados Unidos o consumo per capita do produtos são de 45 quilos. A França consome 19 kg por pessoa. O Reino Unido 25 e o Japão 24. Esses números nos dão a dimensão da margem de crescimento do produto no Brasil. Segundo a FGV, a participação do mercado de papel cartão em relação a outros tipos de embalagens, no valor da produção em 2000 foi de um total de 14.549,72 milhões, sendo que os plásticos representam 35%, os celulósicos 34%, metálicas 23%, vidro 6% e madeira 2%. Os atributos do papel cartão para embalagem são inúmeros: proporcionam acondicionamento adequado – protege o produto contra danos. Aceita impressão gráfica sem restrições, ou seja, pode utilizar propaganda explícita do produto na embalagem. Sua estrutura permite o uso de recursos visuais que tornam a embalagem mais atraente. Este ano o setor comercializou no mercado externo

Ranking do setor, em 2000

Expedição Total

Empresa	Em Toneladas	Participação em %
Indústrias Klabin S/A	324.050	18,45
Igaras Papéis e Embalagens S/A	210.011	11,96
Rígesa, Celulose, Papel e Embalagens Ltda.	206.253	11,75
Trombini Papel e Embalagens S/A	130.604	7,44
Orsa Celulose, Papel e Embalagens S/A	125.783	7,16
Fábrica de Papel e Papelão N. S. da Penha S/A	106.549	6,07
Ibéria Indústria de Embalagens Ltda.	91.243	5,20
Adami S/A – Madeiras	70.166	4,00
Indústria de Papel e Papelão São Roberto S/A	68.364	3,89
INPA – Indústria de Embalagens Santana S/A	52.675	3,00

6.400 toneladas do produto. No ano passado, as maiores empresas fabricantes de embalagem de papel cartão comercializaram no mercado interno 36 mil toneladas / mês. Já este ano, em julho o mercado vendeu 34.400 mil toneladas do produto, ou seja 1,93% abaixo da média obtida no ano passado. Na avaliação de Amando Varella, gerente de negócios da Ripasa, esse resultado foi motivado pela própria conjuntura econômica: “Em função de toda a mudança de perspectiva que a gente teve no final do ano passado, como a alteração na expectativa do crescimento do PIB, em janeiro, as coisas começaram a mudar e houve uma alteração que mexeu com outros setores envolvidos. Enfim, quando há uma freada na economia, a gente acaba sentindo isso na queda das vendas do mercado interno”, diz.

Para Varella, o primeiro trimestre do ano passado foi melhor que o primeiro trimestre deste ano em função de todos os problemas internos e externos que impactaram o mercado. Já a partir de abril, o cenário começou a se inverter: as empresas venderam, no conjunto, 35 mil toneladas do produto contra 33 no mesmo mês do ano anterior. Em maio o setor registrou 37 mil toneladas contra 35 mil do ano passado. Varella acredita que o faturamento deste ano será muito parecido com o ano passado.

No ranking das empresas fabricantes de papel cartão, a Suzano é a primeira colocada participando com 30,5%. Já a Ripasa participa com 16%. A Papyrus

entra com 12% e a Itapagé com 11,5%. O setor de papel cartão movimenta perto de R\$ 700 milhões / ano e tem uma expectativa de comercialização externa do produto para o final deste ano de 6.400 toneladas. Das 36 mil toneladas de papel cartão produzidas pelas empresas filiadas à Bracelpa – Associação Brasileira das Indústrias de Celulose e Papel – perto de 85% são direcionados para o mercado de embalagem, o restante da produção é dirigido para outros mercados. Para ganhar competitividade no mercado de embalagens os fabricantes estão investindo na modernização de suas máquinas e no aumento da capacidade instalada. “Acreditamos no potencial do nosso negócio tendo em vista que o Brasil é um país onde se vive cada vez mais em metrópoles e a demanda por alimentos embalados é grande”, diz Varella. O produto tem três categorias diferentes: um com 100% de celulose virgem (usados nos lanches Mac Donalds, embalagens de cosméticos, produtos farmacêuticos e remédios). O triplex é feito de celulose branqueada em cima e embaixo com o meio de

aparas recicladas. Um terceiro padrão é fabricado com celulose branqueada em cima e aparas recicladas nas outras duas camadas. Para cada um deles, os custos de fabricação são diferentes porque se destinam para uma finalidade específica: a fibra branca virgem se presta a usos nobres – a celulose branca virgem recebe impressão onde se aplica o couchê. Assim, é possível ter uma embalagem mais econômica ou mais sofisticada. “Com as aparas e fibras recicláveis conseguimos baratear o custo”, conta. Varella pondera que o crescimento do setor está no procedimento do mercado, tendo em vista que a comercialização dos produtos se realiza através de pontos de venda bastante atrativos. Nestes locais, as embalagens ganham cada vez mais sofisticação - papéis nobres, com brilho, representam ótimos apelos de venda.

Vantagem competitiva

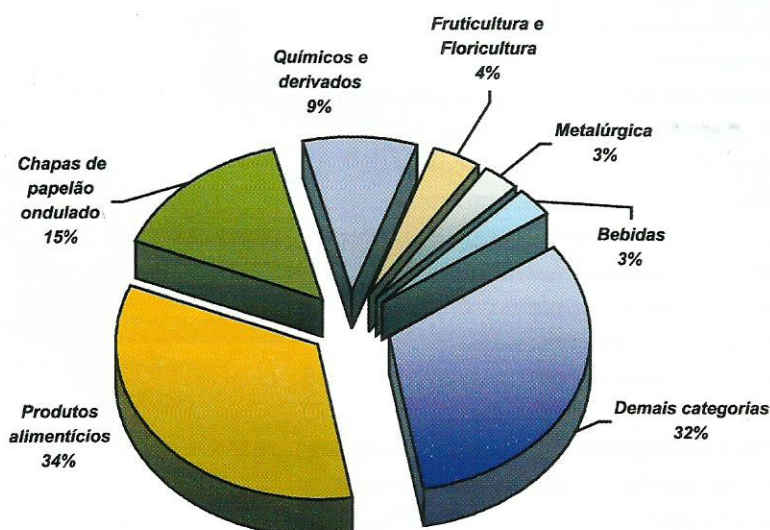
O processo de extrusão na origem é vantagem competitiva para a Ripasa uma vez que, antes, as empresas precisavam plastificar o papel para utilizá-lo em embalagens de alimentos congelados. O processo gera economia para toda a cadeia produtiva. As embalagens chegam intactas ao mercado, resistem à penetração de umidade pela borda. Também não abrem e não se desmancham com a umidade e mantêm ótima aparência no período de validade do produto. “Entregamos o produto com polietileno fornecendo uma vantagem na cadeia produtiva e facilitando os clientes na hora da impressão e fabricação da embalagem”, frisa.

Marketing Ambiental

A campanha de papel cartão foi elaborada em maio de 1999 por iniciativa do consórcio RP Consult / The Group Comunicações. A iniciativa objetiva a educação ambiental e o correto posicionamento do produto no mercado e é realizada

Distribuição do Consumo de Caixas por Categoria Industrial

jan. a ago. 2001



pelas empresas Suzano, Ripasa, Papyrus, Miguel Forte, Ibem, Nobrecel, Klabin e Riverwood do Brasil.

Segundo Edgard Avezum Jr, da assessoria de assuntos estratégicos da Cia Suzano de Papel e Celulose, a iniciativa visa incentivar as vantagens ambientais de plantar árvores e reciclar papel cartão e derivados de celulose. “A pressão ambiental é crescente e é importante o setor estar bem posicionado. Não podemos deixar que haja má interpretação na posição do setor perante a sociedade. Acreditamos na importância de um trabalho de imagem bem sustentado para criar uma imagem ambientalmente amigável”, frisa Avezum. A campanha de papel cartão pretende gerar um valor social e incentivar o consumo de embalagens de baixo impacto ambiental. Além das vantagens ambientais que a campanha sugere, a idéia é sensibilizar toda a cadeia produtiva.

Principais fabricantes de papel cartão: nacionais (Suzano, Ripasa, Papyrus, Miguel Forte, Ibema, Klabin, Nobrecel. Mundiais (Estados Unidos, Japão, Suécia, Finlândia, Coréia do Sul, Alemanha, Canadá, Itália, Brasil, Áustria, França, Reino Unido.

Selo de confiabilidade

O selo da campanha foi criado para dar identidade visual aos fabricantes e apresentar ao consumidor informações específicas sobre a produção de embalagem à partir de papel cartão. As embalagens seladas dão credibilidade, certificam o produto e mostram que as empresas que o adotam são conscientes de suas responsabilidades ambientais. “Criamos e passamos a fazer a sua divulgação no sentido de convencer os usuários a importância de adotar o selo em suas embalagens”, explica Avezum. As

empresas Santista, Nestlé e Tam, estão adotando o selo em suas embalagens de produtos. A idéia do selo veio para reforçar a mudança de atitude do consumidor junto à reciclagem. No ano passado, o Carrefour arrecadou 150 toneladas de caixas que foram vendidas aos aparistas. O montante arrecadado foi doado para entidades assistenciais e o consumidor ainda concorreu ao sorteio de um automóvel ao final da gincana. Segundo os idealizadores da campanha, historicamente ela é pioneira. Pela primeira vez, o setor de celulose e papel no Brasil promove uma campanha institucional, com ações públicas de cunho informativo, educacional e comercial. ♻

Indústria em expansão

A indústria de embalagem cresceu 18.6% no ano passado, segundo o empresário Fábio Mestriner, diretor da Abre – Associação Brasileira de Embalagem e proprietário da empresa Packing. “Este ano, o 1º semestre teve um crescimento sobre o 1º semestre do ano passado e a expectativa para o segundo é de um resultado ainda maior que o 1º semestre deste ano”, explica. “É importante dizer que o Brasil está crescendo e deverá obter resultados mais positivos do que foi anunciado. Apenas estamos enfrentando problemas.”, sinaliza. O mercado de embalagem está mostrando desenvolvimento na área de flexografia que permite mais qualidade de impressão, especialmente no papel cartão. Mestriner argumenta sua teoria baseado em estatísticas e números do mercado: “ Ainda não temos números fechados. Mas é importante colocar que a indústria de embalagem está se expandindo. No caso do papel a vantagem é a estrutura industrial muito antiga e tradicional do Brasil – e também muito organizada. O papel cartão se beneficia disso, tendo em vista que também é muito versátil e consegue oferecer soluções para muitas categorias de produtos. Já o papelão tem a vantagem de embalar outras embalagens. Aço, vidro, lata ou plástico – qualquer embalagem vai embalada no papelão. Quanto mais a indústria de embalagem se desenvolve, a de papelão acompanhará este crescimento”. Na avaliação do empresário existe mercado para todos os tipos de materiais porque o crescimento per capita no Brasil ainda é muito baixo comparado à outros países. Além disso, o aumento das exportações favorecem a todos os tipos de embalagens. “Nós não favorecemos a concorrência de materiais porque acreditamos que existe um amplo mercado para todos”, finaliza.

Paixão pelo papel

Eliane Barbosa

M uma sinalização do destino, Aureliano Ieno Costa iniciou-se no mundo trabalho numa indústria de papel, ainda estudante, a antiga Indústria de Papel Simão, nos idos de 1964. Ao se formar em engenharia de produção, migrou para a York S.A, uma indústria de consumo, ficando lá por 10 anos. Depois disso voltou para a indústria do papel onde está há 26 anos. Nessa trajetória, passou pelas áreas administrativa e financeira, mas foi na sua curta passagem pela área florestal,

como diretor na empresa Suzano, que confirmou sua vocação e paixão pelo setor de celulose e papel. Nesta época envolveu-se com a engenharia florestal, sobre a qual fala com visível interesse. “É um trabalho intenso, fascinante e comovente”, define. Para ele, o país acertou quando acreditou no eucalipto, e hoje o grande trunfo do setor é o domínio da

Avesso à autopromoção, preferiu falar mais da sua empresa do que de si mesmo, fazendo o seu perfil confundir-se com o da Ripasa. Aureliano sempre insere a perspectiva do seu trabalho vislumbrando o cenário nacional. Ele gosta tanto do assunto, que desenvolveu a síndrome de floresta: gosta que tudo ao seu redor cresça. Uma de suas qualidades é promover, sem paternalismo, o crescimento das pessoas ao seu redor. Sempre que pode, elege algumas pessoas para forçá-las ao desenvolvimento humano e profissional. Sua percepção aguçada o leva a estar atento para todos que estão à sua volta, tratando-os de igual modo. Embora tome decisões sempre respeitando a hierarquia da empresa, é burlando o organograma que ele pinça grandes idéias e realiza suas tarefas. Conversa com todos, do porteiro ao executivo, para buscar informações. “Quem eu achar que pode me dar a informação que estou querendo é ali que vou buscar, independente do cargo que ele ocupe na empresa”. Se necessário, interfona ou telefona para quem quer que seja. “Isso provoca nas pessoas a vontade de contribuir, já recebi sugestões de pessoas inesperadas”, afirma.

Ana Miranda



Aureliano Ieno Costa

tecnologia que exige conhecimentos profundos e contínua pesquisa. Há cinco anos preocupa-se com as várias vertentes que a diretoria comercial de uma empresa do porte da Ripasa exige. Sob sua batuta, ele toca grandes projetos comerciais e negócios que a Ripasa possui em mais de 60 países, como campanhas publicitárias, além de projetos educacionais como a recém-lançada coleção infanto-juvenil Arte e Raízes, um instrumento didático oferecido ao corpo docente de mais de 1000 escolas públicas.

Gosta mesmo é de falar da Ripasa. Ele comemora o crescimento dos negócios da Ripasa que no ano passado comercializou 308 mil toneladas de celulose e de 404 mil toneladas de papel, e o sucesso da Fábrica Ripasa I da região de Limeira (SP, 280 mil toneladas de papel). Em suas viagens internacionais não esconde o orgulho de reconhecer os produtos da empresa, expostos nas prateleiras. Cercado de publicações e produtos da Ripasa, Aureliano recebeu simpaticamente a reportagem da **Revista Celulose e Papel**, para falar de seu trabalho e vida pessoal.

C&P: O Sr. fala da indústria e da pesquisa florestal com visível interesse. De acordo com sua visão, há sinergia entre indústria e universidade?

Aureliano Costa: Sim, há um relacionamento muito intenso entre empresa e escola. Na verdade, é um relacionamento muito continuado. Existem parques florestais do Estado que foram implantados por Universidade que são explorados e financiados pela indústria. Hoje, inclusive conta-se com a especialidade de engenharia florestal que antes nem se pensava nessa possibilidade há anos. Este é o nosso valor. Não é qualquer país que de repente pode resolver fazer isso. O que dá uma certa angústia é que o Brasil poderia muito maior produtor de celulose e papel do que ele é hoje. O Brasil precisa ter grandes unidades, fortes, com alta produtividade, com especialização muito grande, com muita eficiência, para que se possa ter custo.

C&P: E como a Ripasa se insere nessa sua abordagem?

Aureliano Costa: A Ripasa é a fotografia do Brasil. Temos fábricas muito grandes, modernas de alta produtividade e temos fábricas antigas com máquinas menores, onde se tem que encontrar nichos de mercado, solução para aquela estrutura industrial que ela dispõe. Obviamente, que o volume maior de nossa produção está na fábrica maior entre Limeira e Americana (SP). Trata-se de uma fábrica integrada de celulose e papel, produz celulose de eucalipto branqueada, possui duas máquinas de papel grandes. Nesta unidade há uma produção de papel couché, e uma instalação para produção de papel de conversão de bobinas de papel cortado da marca Ripax. Esta é a estrutura básica desta unidade, que é competitiva em termos de custo, produtividade e tudo o mais, enfim, moderna.

C&P: Quais são as perspectivas no que se refere a expansão prevista?

Aureliano Costa: Estamos fazendo uma expansão dessa fábrica cujo projeto é bastante grande. Para se ter uma idéia,

vamos investir algo como R\$ 250 milhões de dólares, uma proporção bastante expressiva de dinheiro. Hoje a capacidade de produção da Ripasa é de 900 toneladas/dia. A idéia é alcançar 1.300 toneladas/dia.

C&P: A empresa envia seus produtos a quais mercados externos?

Aureliano: A Ripasa está em mais de 60 países. Por regiões, somos importantes no mercado da América Latina, América Central, América do Norte e Europa. Em outros mercados também temos alguma presença, mas numa intensidade menor.

C&P: Qual é o produto da Ripasa de maior visibilidade e comercialização no mercado externo?

Aureliano I. Costa: O grande produto de exportação da Ripasa é o Ripax, papel cortado, e para isso temos duas marcas próprias. Uma no mercado internacional – Ripax e outra é o magnum digital; temos avançado muito com estes dois produtos. Hoje, é um feito importante, ter um produto brasileiro sendo comercializado com a sua marca em país ou mercado mais desenvolvido que o nosso. É muito curioso, às vezes dar de encontrão com o produto disponível em algum país da Europa ou nos Estados Unidos. Dá um orgulho, uma sensação de “consegui” muito grande. E nós vamos insistir nessa linha. Deveremos ampliar muito a nossa exportação de papel couché, porque existirão oportunidades muito importantes para o produto brasileiro.

C&P: Para que o setor de celulose e papel disponha de razoável saúde nos negócios internacionais, quanto será necessário investir nele?

Aureliano: O Brasil precisa investir sem medo de errar, 5 ou 6 bilhões de dólares para manter seu nível de exportações de hoje.



Ana Miranda

C&P: Como o Sr. vê o cenário atual diante do ataque terrorista a World Trade Center e ao Pentágono que desencadeou a guerra entre Estados Unidos e Afeganistão?

Aureliano I. Costa: Vivemos um momento de muitas incertezas. Entretanto, o empresário de celulose e papel não pode pensar assim, somos acostumados a olhar a longo prazo. Uma floresta leva oito anos para se implantar. Felizmente, os negócios de celulose e papel no mundo são muito sólidos. O papel como um todo desde a caixa de papelão, saquinho de supermercado, a livros, enfim tudo... é o único produto, que desde a sua invenção pelos chineses, continua crescendo ano a ano e não

atingiu ainda sua maturidade.

C&P: Mesmo com o advento da informática o Sr. acredita que o papel vai continuar crescendo no mercado e tendo a importância que até agora tem tido?

Aureliano I. Costa: Tenho certeza disso. Já aconteceu uma revolução nos escritórios. Hoje, em qualquer negócio, do tamanho que for, se

paramos para pensar o número de atividades que se desenvolve e o volume de papel que se utiliza para se desenvolver cada atividade, você poderá verificar que não há nenhuma relação com o passado. Há uma série de impressos ligado a área de informática: manuais, folhetos, livros, enfim, uma série de coisas nessa área. Dessa forma, penso ao contrário: na verdade a informática aumentou o uso de papel, inclusive nas residências.

C&P: É incrível como é abrangente o ramo da celulose e papel, não se trata apenas de um setor econômico, mas é um fator preponderante inclusive na área de educação...

Aureliano I. Costa: É um negócio fantástico. Nessa perspectiva, o Brasil depende muito de educação e o nosso negócio também. Apesar disso, o Brasil

tem um consumo per capita baixo, que é de 45 quilos de papel, comparado com mais de 300 nos EUA. É lógico que tem o efeito econômico, entretanto se percebe que o país tem um consumo per capita menor que a Argentina, México, e que o vetor educação tem uma expressão fantástica e ainda temos muito para caminhar nesse sentido.

C&P: Há anos você está no mercado de trabalho?

Aureliano I. Costa: Foram 10 anos na York mais 26 anos no setor de papel, ao todo 36 anos.

C&P: Como o Sr. desenvolve sua atividade?

Aureliano I. Costa: A minha atividade exige uma mobilidade razoável. Gosto disso, do contato com os clientes, conhecer coisas novas. Não faço o meu trabalho com nenhuma dificuldade, na verdade é muito agradável. Mas não dá para fazer na quantidade que gostaria. Numa empresa deste tamanho há uma série de atividades obrigatoriamente burocráticos. Há necessidade de minha participação em reuniões, representação dentro do próprio setor, há um contexto que se está inserido e não é possível cumprir tudo o que se gostaria.

C&P: Seu trabalho exige que o Sr. faça viagens frequentes?

Aureliano I. Costa: Sim, viajo para o exterior algumas vezes, no mercado interno razoavelmente, para as fábricas. Mantenho contato próximo com as 4 fábricas, 2 na região de Limeira, uma em Americana, outra unidade no Embú e outra na região de Santos.

C&P: Quando o Sr. não está trabalhando gosta de fazer o quê?

Aureliano I. Costa: Sou uma pessoa muito família, fico muito com meus filhos e minha mulher.

C&P: Há quantos anos o Sr. está casado?

Aureliano I. Costa: Estou casado há 33 anos.

Ana Miranda



C&P: Quantos filhos têm?

Aureliano I. Costa: Tenho 3 filhos. A mais velha tem 31 anos, um com 28 e outro com 27 anos.

C&P: Todos são solteiros?

Aureliano I. Costa: Só o segundo é solteiro. Mas só agora eu vou ser avô. Estamos contando os dias, e achando muito legal. Minha nora está com quatro meses e estamos acompanhando isso passo a passo. Na vida as coisas e os interesses vão mudando.

C&P: Que tipo de lazer gosta de desfrutar com a família?

Aureliano I. Costa: De tudo nós fazemos um pouco: passeamos, viajamos, vamos a praia. Minha esposa é minha grande amiga e companheira e nos damos muito bem. Depois de 36 anos de trabalho, qualidade de vida para mim é muito importante.

C&P: Há algum tempo era correto os executivos dedicarem muito tempo de suas vidas ao trabalho, relegando a família e o lazer a quase último plano. E hoje verificou-se que ser workaholic, na verdade, compromete o desempenho. Como administrador e profissional, onde o Sr. se encaixa nesse aspecto?

Aureliano I. Costa: Não é um bom negócio ser workaholic, não é natural e não é bom para a empresa. Só que existem momentos e acho isso defensável, pois surge a necessidade de fazer coisas numa velocidade e intensidade muito maior. Eu não sei fazer uma coisa sem paixão, ou você está afim de fazer algo ou cai fora. Ou faz as coisas para valer ou não dá. Por isso mesmo, confesso que já fui workaholic numa fase da minha vida. Não me arrependo, porque eu fazia tudo com uma enorme paixão. Mas hoje eu sei me controlar, como se deve em tudo na vida. Já fumei muito, hoje não fumo mais. Era sedentário, agora faço exercícios. E, hoje os jovens executivos estão mais atentos a essas práticas mais do que eu fui, o que considero muito bom. "Esse tipo de postura mais saudável deixa a luz penetrar na empresa e evita que se fique fazendo sombra para todos, evitando tolher as iniciativas e dar as oportunidades para as pessoas se desenvolverem.

C&P: Se o Sr. tivesse que se definir enquanto profissional e pessoa, como se definiria?

Aureliano I. Costa: Tenho muito orgulho de ter ajudado no desenvolvimento de muitas pessoas. Não que tenha sido um professor, porque aprendi mais do que ensinei, mas, dava e deixava espaço, pois considero isso absolutamente necessário. De saber como fazer as coisas por experiências mas "segurar a mão" e não fazer, apenas para permitir que alguém aprendesse com o erro. Na vida é assim, não se aprende sem errar, isso para qualquer atividade humana. Nem Picasso fazia um quadro e achava que estava pronto, havia essa busca de acertar. A segunda qualidade, é incentivar as pessoas a crescer. Não há nada que se possa fazer para uma pessoa crescer, se ela não quiser isso. Isso é uma coisa que sei e gosto de fazer, favorecer o crescimento das pessoas. Já tive sucesso com ex-colegas, amigos, etc.

C&P: A seu ver, quais são os indicativos de que a pessoa quer crescer?

Aureliano I. Costa: A pessoa precisa ler, saber quantas línguas se possa aprender, estar informado de tudo, precisa estar no mundo, se não passa o bonde e ela não enxerga.

C&P: O Sr. acha que estas características são as que o levaram a ter sucesso profissional?

Aureliano I. Costa: Não sei te dizer se tive sucesso profissional ou não... Digamos que parte dessas características, embora, no passado as coisas eram muito mais fáceis. Fazer engenharia na minha época era raro, e, conseqüentemente éramos percebidos na "vitrine" da vida com muita facilidade. Hoje, com o excedente de mão de obra, e por se tornar comum a formação universitária, os profissionais têm que ser muito melhores e competentes.

C&P: Gosta de algum esporte especial ou torce para algum time?

Aureliano I. Costa: Gosto de futebol e torço para o Palmeiras. Pena que não dá mais para assistir a uma partida de futebol no Estádio. Isso só é possível fora do Brasil.

Brasil poderá ter uma Política Nacional de Resíduos Sólidos este ano

O relatório preliminar está sendo discutido e deve ganhar pelo menos duas versões até ser aprovado pelo Senado.

Eliane Barbosa



s constantes problemas ambientais que o Brasil tem enfrentando, apontaram para a necessidade da criação

urgente de uma política que oriente o tratamento que abrange desde a coleta, disposição, tratamento, reciclagem, reaproveitamento, redução, aterros, usinas, compostagem e incineração de todos os tipos de lixos e resíduos. O recente problema dos moradores de um condomínio construído em cima de um

terreno que já havia sido depósito de resíduos altamente perigosos, evidenciou a necessidade de estabelecer uma política mais específica. O País tem pouquíssimas leis tratando do assunto, e as que existem não contam com a profundidade que o tema exige. “Houve um esforço de organizar os cerca de 57 projetos de lei que apontavam para a necessidade de resolução de diversos fatores que envolvem a questão do lixo e resíduos”, afirma Alberto Fabiano Pires, consultor da

Bracelpa – Associação brasileira de Celulose e Papel, que faz parte de um grupo empresarial de discussão sobre o tema. Este ano, uma Comissão Especial na Câmara dos Deputados organizou todos estes projetos de lei num relatório

preliminar que deve transformar-se na lei que norteará a questão. O relator dessa Comissão Especial é o Deputado Federal Emerson Kapaz (PPS/SP).

O relatório (com 109 páginas e 173 artigos), após as discussões e propostas de alterações dos diversos setores envolvidos, deve transformar-se em uma Política Nacional de Resíduos Sólidos, até o final do ano. “O lixo somado ao esgoto são os dois gravíssimos problemas da sociedade hoje, e que ela não quer tratar ou ver e saber”, afirma o relator da comissão.

Segundo o deputado Emerson Kapaz, o relatório deve ser discutido em audiências públicas, para que os diversos setores, sociedade, ONGs (Organizações Não- Governamentais) dêem suas contribuições. A proposta é que o debate ganhe proporção nacional e não fique restrito à Comissão Especial. “Porque o tema é muito pesado e tem uma responsabilidade muito grande”, diz Kapaz. Ele tem conversado com o setor industrial, com a área de reciclagem, com o setor de celulose e papel, de embalagem e com as entidades ambientais. O intuito é o de abarcar todas as sugestões acoplando-as ao documento. Essas modificações implicarão na elaboração de uma segunda e até terceira versão do atual documento. A Comissão Especial vai remeter o projeto ao plenário da Câmara ainda este ano. Depois de aprovado, vai para o Senado onde haverá uma votação *simples*, sem capacidade de alteração.



Deputado Emerson Kapaz

Polêmico

A Comissão Especial considerou que diversos temas são bastante complexos e polêmicos. Um deles é o fato de a embalagem ser considerada como resíduo especial. No entendimento dos setores industriais envolvidos e especialistas, a embalagem em geral são resíduos comuns (exceto quando acondicionam resíduos perigosos e, nesse caso, a indústria já tem se responsabilizado por ela). Outra dúvida que o relatório preliminar suscitou, foi o da responsabilidade sobre a coleta do lixo sólido ou o lixo seco que estejam relacionados à embalagem: se ao estarem dispostos nas residências seria ou não recolhido pela administração pública, como indica a Constituição Federal? Criou-se então, a necessidade de frisar que só são resíduos com características especiais, os que são de fato resíduos perigosos. Já a Comissão Especial considerou que tudo que não é lixo orgânico enquadra-se em resíduo especial. A partir daí se tem os resíduos especiais perigosos e os resíduos especiais que podem ou não, ser caracterizados como resíduos comuns. Esse tema tem sido alvo de muitas discussões. Segundo Kapaz, a diferenciação ficará muito clara no relatório modificado. Questiona-se ainda, se as embalagens de papel e papelão devem ser enquadradas no item resíduo especial, uma vez que trata-se de material altamente biodegradável, com capacidade de reaproveitamento quase total, portanto, não oferecendo perigo ao meio ambiente. Nesse sentido, o papel e papelão e seus derivados têm todas as características de resíduo comum.

Para a diretora executiva da Abre- Associação Brasileira de Embalagem, Luciana Pellegrino, as discussões estão



Abre/Imagem

muito atrasadas em decorrência do desconhecimento prático, ambiental e técnico dos envolvidos nas discussões sobre resíduos. A grande polêmica que o documento também trouxe, segundo a diretora da Abre, foi um enfoque muito acentuado para os resíduos inertes e nenhum tratamento especial para os resíduos orgânicos (restos de alimentos). As embalagens de papel, papel cartão e papelão, em geral, são inertes, ou seja, não agredem o meio ambiente, porque exercem papel preponderante neste aspecto, pois contribuem para a diminuição dos resíduos orgânicos no meio ambiente. Ao contrário do que parece, as embalagens não são a grande vilã do meio ambiente, pois 60% do lixo recolhido é orgânico. Este tipo de resíduo contamina o solo e o lençol freático em razão da produção do chorume; substância responsável pelo lançamento de gases na atmosfera. Para se ter uma idéia, segundo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, o Brasil perde 10 milhões de toneladas dos alimentos plantados (40%), nas fases de colheita, transporte, ponto de venda e preparo. “O brasileiro tem a cultura de desperdiçar e jogar tudo fora”, afirma Luciana.

Lei aponta coleta seletiva de lixo como alternativa

“A Comissão Especial vai remeter o projeto ao plenário da Câmara até o final deste ano”

Coleta do lixo e responsabilidade social

“No entendimento dos setores industriais envolvidos e especialistas, as embalagens em geral são resíduos comuns”

A questão da responsabilidade pelo recolhimento das embalagens ou do resíduo comum, foi outro tema que ocasionou celeuma. O relatório preliminar da Política Nacional de Resíduos dá a entender que o setor industrial ficaria totalmente responsável pelo recolhimento das embalagens, o que revelou equívocos. Em geral o destino das embalagens é difuso, tanto pode ir para o domicílio, quanto qualquer outro lugar. Esta constatação revela que a questão da responsabilidade requer análise mais acurada e aponta caminhos. Um deles é o da educação ambiental da população que precisa ser treinada em separar os lixos e destiná-los em locais apropriados para otimizar a reutilização dos materiais quando essa fosse a proposta da indústria. Outro fator a ser considerado é o de garantir a existência de uma coleta de lixo em todo o território nacional. A realidade é o que o Brasil tem um grande déficit de coleta de lixo. Hoje, 30% dos municípios brasileiros não dispõem de qualquer coleta de lixo urbano. Os 70% restantes, que dispõem deste tipo de serviço, só 35% têm um atendimento regular. “Por isso, vemos lixo espalhado em todos os terrenos baldios, cidades e território”,

afirma Luciana. Esta falta de educação da população também encarece o custo da coleta de lixo e dificulta a limpeza da cidade. Segundo a Constituição, a coleta do lixo urbano ou domiciliar é de responsabilidade do Poder Público por se tratar de saneamento básico.

O Relatório preliminar da Comissão Especial dá a entender que a responsabilidade é do setor produtivo ou industrial, o que percebeu-se imediatamente tratar-se de uma idiosincrasia, pois a operacionalização disso seria inexecutável, comprometeria o desenvolvimento industrial do País e, em vez de resolver um problema ecológico geraria muitos outros, incluindo a multiplicação de caminhões pela cidade e da emissão de gases na atmosfera. Nas discussões ficou claro que a responsabilidade da coleta é de todos: setor produtivo, público e população. E isso deve ficar claro no documento que se transformará em política da questão. O recolhimento e cuidados com seu resíduo sólido especial, ou daquele que oferece perigo de contaminação, os vários setores concordam que a responsabilidade é da indústria, que garante estar tratando-o de forma especial. Mas o resíduo comum precisa ficar bem especificado na proposta da Política Nacional dos resíduos sólidos

“A embalagem foi mal colocada no texto como especial, pois essa generalização inviabiliza o cumprimento da lei. O texto também acaba fazendo confusão quanto a responsabilidade pós-consumo, pois a proposta do Deputado Emerson Kapaz pode funcionar em países onde as características culturais não são tão discrepantes e onde o espaço geográfico é consideravelmente menor que o Brasil”, afirma Cleusa Gonzalez Hercoli, representante da ABPO – Associação Brasileira de Papelão Ondulado - na CNI – Confederação Nacional das Indústria, em Brasília. No caso da embalagem em especial, o texto



responsabiliza a indústria e o envasador do produto pela coleta. “Imagine ficar responsável por recolher as embalagens de leite, refrigerante etc., em lugares diversos do Brasil onde uma indústria tivesse várias fábricas”. Essa proposta engessa toda a indústria e inviabiliza sua atividade, principalmente das médias e pequenas”, afirma a advogada. Segundo ela, embora a indústria não se exima da responsabilidade, a coleta não deve ser apenas de sua tarefa, uma vez que fabrica os produtos e não resíduos. “O resíduo é gerado pelo consumidor final, pois foi ele que comprou, utilizou e descartou o produto”, afirma a representante da ABPO. Ela e outros representantes dos diversos setores industriais, incluindo Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel -, Abre – Associação Brasileira de Embalagem, entre outros, estão se reunindo na Confederação Nacional das Indústrias, em Brasília, para discutir a proposta da Comissão Especial e já elaboraram um documento com propostas e sugestão para uma nova versão do Relatório. O documento será divulgado à indústria como um todo e encaminhado para a Comissão Especial da Câmara dos Deputados

Soluções

No Brasil é necessário utilizar esses mecanismos de educação e separação do lixo para maximizar o reaproveitamento. Sabe-se que o reaproveitamento ou reciclagem dos materiais economizam inclusive, energia. Para reciclar o alumínio utiliza-se apenas 5% da energia total que seria utilizada para a produção de latinha de alumínio virgem através da coleta seletiva de lixo. A contribuição da população é fundamental, pois ao separar em sua casa o lixo seco do úmido, evita-



Abril Imagem

Separação de materiais para reciclagem

se a contaminação e umidade dos materiais, agregando maior valorização de cada material em sua respectiva reciclagem. A participação efetiva da população na separação dos materiais ou tipos de lixo domiciliares será fator preponderante na viabilidade econômica de todo o processo. Obviamente, as discussões caminham na consideração da diversidade geográfica do Brasil. Cada região terá que encontrar a sua maneira peculiar de fazer a coleta seletiva do lixo, levando-se em conta sua infra-estrutura, cultura ou especificidade regional. Portanto, a política de reaproveitamento e destinação dos resíduos será adequada a cada região. Assim, o cidadão entra separando o seu resíduo, o Poder Público entra com a coleta de lixo e o setor industrial vai recolocar esse material, sempre que possível, como matéria-prima para fabricação de novos produtos ou materiais.

Ao setor industrial, no caso, a indústria de embalagem, cabe desenvolver, dentro do possível, os seus produtos com tecnologia avançada para diminuir, por exemplo, a espessura e volume dos materiais, dando assim, sua contribuição à

Os números do desperdício

Os supermercados perdem por ano R\$ 13 milhões em alimentos hortifrutícolas. Diariamente 1000 toneladas em alimentos frescos são perdidas em feiras livres, 80% deles em perfeito estado.



Abriil Imagem

Máquina de reciclagem de papel

“O resíduo é gerado pelo consumidor final, pois foi ele quem comprou, utilizou e descartou o produto”,

preservação do meio ambiente – possibilitando, dessa forma, um menor peso ao descarte.

Aliás, a indústria já vem fazendo isso. A embalagem plástica já teve seu peso reduzido em 50 %; o vidro já está 35 % mais leve; o alumínio 30%; o aço 27% e o papelão ondulado, preservando sua resistência, também diminuiu sua gramatura em 12,5%.

Reciclagem e aterro sanitário

O Brasil tem um nível elevado de reciclagem, sobretudo do papelão ondulado (72%). Em razão da conjugação de fatores em que a valorização da lata e a miséria que faz do morador de rua um recolhedor de lata, o alumínio bate recorde mundial com 78% de reciclagem (102 mil toneladas no ano passado), só perdendo para o Japão (80%). O Pet é reciclado em 21%. O vidro em 41% no

mundo. Há alguns países que valorizam mais as embalagens retornáveis que as recicláveis. No Brasil, ao contrário, valorizamos as embalagens recicláveis. Apesar disso, a relatoria da Comissão entende que a reciclagem é baixa, o que proporciona uma diminuição de vida útil dos aterros sanitários. Entende-se que o aterro deveria receber apenas lixo orgânico para preservar o tempo de vida útil do aterro. Por isso, o relatório da Política Nacional dos Resíduos Sólidos reservou um capítulo especial para a séria questão do aterro. Nele são enumeradas as possibilidades de licenciamento, a forma que serão tratados pela administração pública, normatização, licenciamento ambiental e fiscalização por parte das empresas que mantêm aterros particulares. Serão feitas medições de chorume, gases, garantia de isolamento desses aterros, evitando ao máximo o acesso da população etc. Os dois aterros sanitários que a cidade de São Paulo possui têm uma vida útil de apenas mais um ano, o que vislumbra sérios problemas a curto prazo. Um aterro tem vida útil de 20 anos, depois disso a área precisa receber uma série de tratamentos e impedimentos de reutilização, de acordo com normas dos órgãos do meio ambiente. Como não existe uma fiscalização e legislação clara para o assunto, a Política Nacional de Resíduos deve traçar todos os parâmetros de procedimentos bem como sua respectiva fiscalização. Pelo que se verifica, em decorrência da carência, nos próximos anos, um dos grandes negócios emergentes será o da administração de aterros sanitários. ♻️

Embalagem e qualidade de vida

A embalagem está intrinsecamente ligada à qualidade de vida da população de um país. Os países mais desenvolvidos e melhores estruturados têm maior utilização per capita de embalagem que os países em desenvolvimento. Justamente porque eles zelam pelo acondicionamento de seus produtos para evitar perdas.

Das embalagens produzidas, o Brasil tem uma utilização, por pessoa, de US\$ 50. Na Korea do Sul, US\$ 95; já na Argentina, de US\$ 132, nos EUA de US\$ 311 e no Japão de US\$ 460.

Depois do fundo do poço setor alavanca nova fase de recuperação

Alaôr Gomes

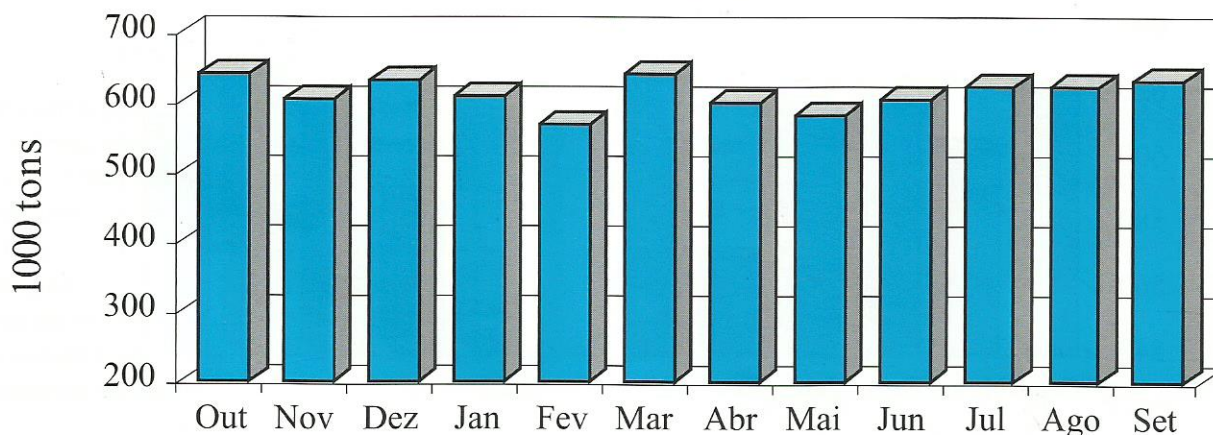
Se 2000 marcou uma nova fase de crescimento, com níveis de vendas satisfatório e preços crescentes para a celulose e papel, por consequência — seu último trimestre possibilitou, também, vislumbrar prováveis instabilidades no mercado mundial. Decorrencia da queda no crescimento econômico que afetou, indistintamente, todas as nações, principalmente, e de forma ainda mais drástica, as mais desenvolvidas.

Na esteira, queda de consumo e crescimento dos estoques: na área da chamada Norscam (América do Norte e Escandinávia) eles evoluíram de 1,2 milhão para 2 milhões de toneladas. Os preços caíram com a mesma velocidade com que haviam sido recuperados e colocado o azul no balanço das empresas; de US\$690/tonelada caiu para US\$370/t na Ásia; US\$400/t na Europa e US\$460/t *delivered* nos EUA. A utilização do nível de capacidade da indústria

Produção de Celulose e Pastas

	2000	Set/01	Set/00	Var.%	Acum./01	Acum./00	Var.%
Produção	7.463.266	632.259	602.193	5,0	5.481.325	5.586.499	-1,9
Vendas Domésticas	739.613	61.171	61.107	0,1	527.672	561.504	-6,0
Vendas Externas	2.946.885	298.513	259.904	14,9	2.352.563	2.271.355	3,6

Produção de Pastas



involuiu de 93% para 83%, nos Estados Unidos; 73% no Canadá; 84% na Finlândia e na Suécia, formando média geral, com outras nações, no patamar de 79%, graças a várias paradas de produção com antecipação de manutenções periódicas. Os preços, mesmo no pior desempenho setorial, se estabilizaram graças aos custos elevados de produção no Canadá — onde pelo menos uma fábrica fechou em caráter definitivo — e Estados Unidos, além do fator demanda, vetor principal para conter preços em queda.

Um novo ciclo de recuperação está se desenhando e seus principais sinais foram emitidos no terceiro trimestre deste ano com a demanda em ascensão. Independente das turbulências provocadas pelos ataques aos maiores símbolos norte-americanos e à resposta dos ataques

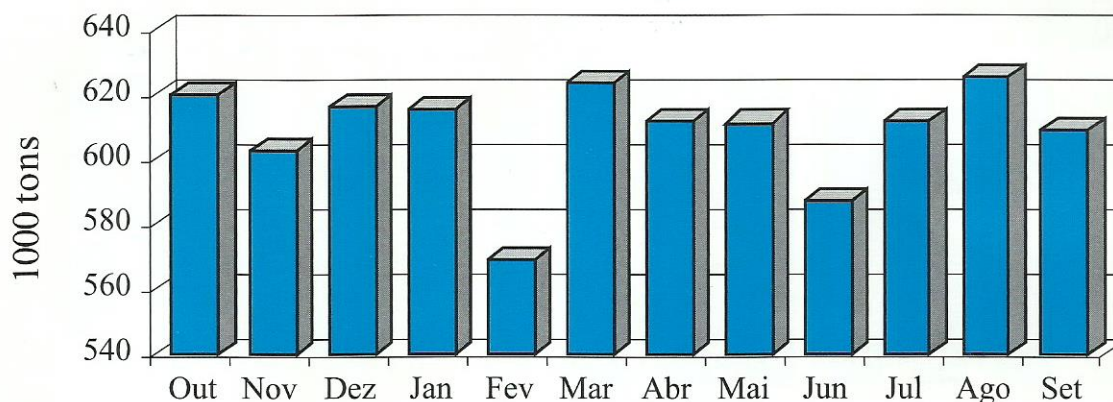
ao Afeganistão, numa guerra sem previsão de duração, novos preços já foram anunciados para vigorar desde outubro, com aumento de US\$30 por tonelada na Europa e na Ásia. No mercado norte-americano a insegurança que persiste não permite emitir previsões confiáveis. O último trimestre do ano tem sido, tradicionalmente, de crescimento sazonal da demanda e também deve ser beneficiado com o fortalecimento do Euro.

Na senda desses fatores convergentes favoráveis, a celulose de eucalipto já saltou de US\$380/t em agosto para US\$395/t em setembro e US\$430/t em outubro. Seus produtores — brasileiros, sobretudo — são mais competitivos e sustentam melhores índices de produtividade, alcançando maiores resultados. Os estoques na área da Norscan, que equivaliam a 32 dias de demanda, já caíram para 27 dias. ♻

Produção de Papéis

	2000	Set/01	Set/00	Var.%	Acum./01	Acum./00	Var.%
Produção	7.187.831	608.820	593.520	2,6	5.464.891	5.348.526	2,2
Consumo Próprio	1.581.527	112.182	135.011	-16,9	1.072.300	1.175.766	-8,8
Vendas Domésticas	4.448.785	406.433	386.381	5,2	3.467.049	3.289.231	5,4
Vendas Externas	1.106.080	94.988	86.930	9,3	925.320	853.479	8,4

Produção de Papel



Cicepla reúne representantes no Brasil e elege novo presidente

Os dez países produtores de papel latino-americanos elegeram, em sua reunião anual, o novo presidente da Cicepla – Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana. O atual presidente da Bracelpa, Boris Tabacof, agora também ocupa o mesmo cargo na Cicepla, que, há 26 anos busca ampliar o intercâmbio intra-zonal e reduzir sua dependência de países fora do bloco. A missão do novo presidente é de negociar o interesse setorial nos acordos da ALCA, Mercosul, OMC e UE.

Para o novo presidente da Cicepla, o momento atual preocupa todo o mundo, onde, porém a qualidade e intensidade dos esforços de todos poderá fazer com que haja mudanças para melhor. “Cabe-nos, portanto, trabalhar para construir, daqui em diante, uma História ainda melhor, acreditando em nossas possibilidades”, afirma Boris Tabacof.

A reunião da Cicepla realizou-se em 18 e 19 de outubro último, em São Paulo.



Ana Miranda

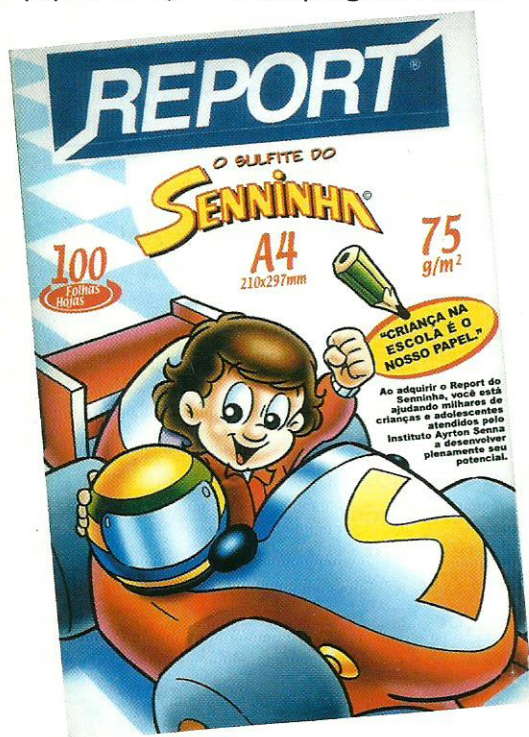
Na foto da esquerda para a direita: Roberto Gianetti da Fonseca, Secretário Exec. da Camex; o presidente eleito da Cicepla, Boris Tabacof e o ex-presidente da Cicepla, Alfonso Ocampo.

Nova embalagem do Report Senninha

A Cia. Suzano criou uma nova embalagem para o papel Report Senninha, principal produto destinado ao público infantil. A embalagem tem como slogan *Criança na escola é o nosso papel*, e sua venda ajudará 300 mil crianças e adolescentes do Instituto Ayrton Senna, em programas educacionais e profissionais. Como estímulo, o papel é mostrado por Leonardo Grimaldi – gerente de produto – como “o único onde cada folha pode ser usada pelo menos duas vezes”. Isto significa que, além do consumidor elaborar trabalhos com o papel, ele ajudará um programa social. A criação da nova embalagem foi feita para

atrair a atenção das mães, pois são elas que estão à procura de novos produtos que estimulem seus filhos aos trabalhos escolares. Por isso, foram elaboradas pesquisas junto ao público alvo para ver suas necessidades.

Só no primeiro semestre deste ano, o faturamento da Suzano com o Report Senninha foi de R\$542 milhões, 25% do faturamento total da Cia. O Reporte Senninha tem 55% de sua produção exportada para 45 países. Outra novidade, é o lançamento do novo site Report Senninha, apresentado na Feira Escolar 2001. Todo colorido e com várias atrações para os pequenos internautas, o site oferece atividades, jogos, tiras em quadrinhos, além da história do papel. Para a criançada, vale a pena conferir e aprender. www.reportsenninha.com.br



Lei tem alvo

A Assembléia Legislativa do Espírito Santos conseguiu mais um feito sobre o Executivo, no último dia 26 de setembro. Derrubou o veto do governador José Ignácio Ferreira, ao Projeto de Lei que proíbe o plantio de eucalipto na região. De acordo com o projeto, somente o plantio para a fabricação de celulose será proibido, para outros fins; o plantio de eucalipto será liberado. Nas áreas em que já foram concedidas as licenças de cultivo, esta decisão não tem influência. Até esta Lei Estadual ser publicada, ela não tem validade. Segundo a Aracruz Celulose esta decisão fere a Constituição. A empresa recorrerá à justiça porque acredita ser o alvo central da Lei, pois é a única fabricante de celulose de eucalipto na região.

Suzano além das fronteiras

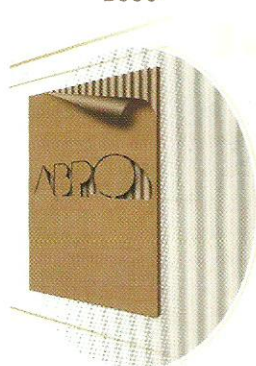
A Cia Suzano de Papel e Celulose fez uma reformulação acionária no final do mês de Setembro. Separou seus ativos de petroquímica e de celulose e atravessou as fronteiras brasileiras rumo a mares nunca d'antes navegados. Juntamente com o Grupo português Sonae, comprou 28% do capital da Portucel, principal empresa de celulose de Portugal e uma das maiores da Europa, pelo valor de US\$119,9 milhões (equivalente a 130 milhões de euros). Com isso, é a primeira empresa brasileira do ramo a ter ativos no exterior. Além desta negociação, a Suzano – como também a Votorantim e a Aracruz – pretende, ainda, entrar no leilão de privatização da Portucel, que acontecerá no início do ano que vem, mais precisamente no fim do primeiro trimestre. O governo de Portugal pretende vender 25% de seus 55% de participação na empresa. Caso consiga, a Suzano vai desembolsar mais ou menos 120 milhões de euros. Tudo isso é mais do que boas novas vindas da Cia. Suzano, que no primeiro semestre deste ano faturou R\$162,3 milhões. Resultado este que se mantém desde o ano passado, quando teve um faturamento de R\$162,6 milhões. Para o futuro, a Suzano ainda se interessa pelos ativos das Florestas Rio Doce, pertencentes à Cia Vale do Rio Doce. O negócio vai se tornar realmente bom, dependendo do preço final.

Lançamentos

Já estão à disposição os anuários estatísticos da Bracelpa (Associação Brasileira de Celulose e Papel) da ABPO (Associação Brasileira de Papelão Ondulado) do ano 2000, com os números dos setores de papel e celulose e papelão ondulado. Os dados completos vão desde números de empresas, produção, consumo, expedição total dos produtos, dados florestais, entre outras coisas. Para quem gosta de novidades, juntamente com o Anuário da ABPO vem um mini CD contendo as mesmas informações do anuário impresso. Além praticidade de se ter os dados no computador, o CD tem um layout inovador.

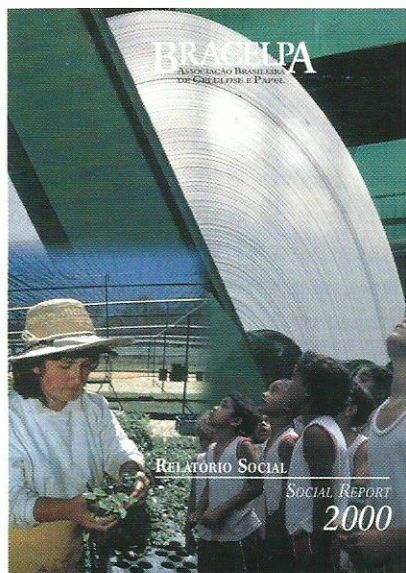
ANUÁRIO ESTATÍSTICO
ESTATISTICAL YEARBOOK

2000



ABPO
Associação Brasileira de Papelão Ondulado

d a



Melhoramentos no E-commerce

A Indústria Melhoramentos de Papéis implantou um novo sistema de comércio via internet através de seu site. O sistema Logix e-commerce, elaborado pela empresa especializada em sistemas na web, Logocenter, permite que o consumidor dos produtos da indústria papelreira fique sabendo tudo sobre seu pedido. As informações são um histórico do cliente, com todos os dados do sua última solicitação, quando e se foi faturada, entre outras coisas. Caso haja demora na entrega do produto, o cliente fica sabendo o motivo e a solução. Este sistema facilitou ao consumidor, que antes tinha apenas o serviço de tele-marketing. As entregas dos pedidos via internet são feitas mais rapidamente devido a agilidade na liberação do cadastro. O e-commerce da Melhoramentos já está à disposição das indústrias, hotéis, lanchonetes e bares, academias de ginásticas e vídeo-locadoras, além das distribuidoras da Melhoramentos, principais usuárias do serviço. Os interessados podem acessar o site da Melhoramentos (www.melhoramentos.com.br) e fazer o cadastro para obter uma senha de acesso ao link de vendas on-line. É tudo muito rápido e fácil.



O peso da carga

Num trabalho de profundidade do seu Gerente Setorial de Produtos Florestais da Área de Operações Industriais, Antonio Carlos de Vasconcelos Valença, a Revista do BNDES mostra o quão vultosos são os investimentos necessários à implantação de fábricas de celulose e papel: "São necessários gastos superiores a US\$1000 para cada tonelada de capacidade anual".

Mas o óbvio de uma carga tributária extremamente pesada vem citado no artigo com base no levantamento de uma consultoria para a instalação de uma máquina para produzir papel de imprensa no Brasil: aqui, graças aos impostos, os custos são 32% maiores dos que o de instalação da mesma máquina em território europeu. Como ser competitivo neste mundo globalizado ?

Florestas em alta

Fundos de investimentos internacionais estão investindo em florestas brasileiras. A Riocell, produtora de papel e celulose, pertencente ao grupo Klabin, acabou de fechar um negócio de US\$40 milhões, com a venda de 60 mil hectares de sua floresta no Rio Grande do Sul para o UBS Brinson e UBS Timber Fund, que possuem ativos de US\$4 bilhões no mercado internacional. Para o investidor, a rentabilidade é garantida, com uma estimativa em dólar de 20% ao ano. Este tipo de investimento é uma maneira das empresas de celulose, papel e madeira fazerem caixa e aumentarem a capacidade de investimentos em máquinas. As compradoras das florestas continuam o fornecimento da madeira, de acordo com um contrato de exclusividade por um longo período. O acordo entre a Riocell e o UBS Brinson foi conduzido pelos escritórios Barbosa, Müssnich & Aragão Advogados e o americano Foaley Hoag.

ABTCP 2001 – 34ª Exposição e Congresso Anual de Celulose e Papel

Promovido anualmente pela Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel ABTCP, a 34ª Exposição e Congresso Anual de Celulose e Papel realizada em São Paulo, de 22 a 25 de outubro, objetivou difundir as novas tecnologias, produtos, estudos, pesquisas e outros trabalhos relacionados ao setor de papel e celulose, promovendo, dessa forma, o desenvolvimento da indústria nacional e sua maior participação no mercado mundial.

Na foto, da esquerda para a direita : Angela Macedo, chefe de departamento de produtos florestais do BNDES, Boris Tabacof, presidente da Bracelpa e Celso Foelkel, presidente da ABTCP.



Celso Foelkel, presidente da **ABTCP** – ressaltou a importância do setor

de papel e celulose à economia nacional, destacando suas grandes conquistas ao longo dos anos. “O setor é audacioso, e as pessoas que fazem parte dele têm grandes sonhos de construir coisas novas e de agregar valor à sociedade.”

Na edição deste ano, a *ABTCP 2001* foi visitada por cerca de 9.500 profissionais, em uma área de 5.655 m², com 180 estandes, distribuídos entre fabricantes de celulose e papel, fornecedores de máquinas, equipamentos, produtos químicos, serviços de engenharia e *softwares*, além de associações, instituições financeiras, como o BNDES, universidades e centros de pesquisa nacionais e internacionais.

VCP compra ações da Aracruz

Será a partir deste mês de Novembro que a Votorantim Celulose e Papel, através de sua subsidiária no exterior, fará parte oficialmente, do Acordo de Acionistas da Aracruz Celulose, devido à aquisição de 28% das ações ordinárias nominativas pertencentes à Mondi Brazil Limited (Grupo Mondi) no dia 03 de Outubro. Este montante de ações adquiridas, representa 12,3% do capital da Aracruz e foi comprada por US\$370 milhões. O Acordo de Acionistas da Aracruz tem como participantes os Grupos Loretzen e Safra e o BNDES Participações S.A .

Mais novas

Outras novidades na Cia. Suzano são: a nova linha de papel Couché Reflex, apresentada em cinco gramaturas, nas formas brilhante e matte, através de um mostruário divertido, e a recente campanha do papel Report. Para abrilhantar a campanha, que é um sucesso, a atriz Betty Lago aparece junto a outras pessoas e mostra tudo que o produto pode oferecer. Para dúvidas ou sugestões, o consumidor pode escrever para report@suzano.com.br



Celulose Irani comemora com expansão

Para comemorar seus 60 anos de existência, a Celulose Irani partiu para vãos mais altos. Principal fabricante de papel kraft de baixa gramatura, controlada pelo grupo Habitasul, inaugurou sua mais nova unidade no Sul do país, no distrito de Campina da Alegria, Meio-Oeste da Santa Catarina, no final de Setembro. Com esta unidade, a indústria gerou 250 empregos diretos e 700 empregos indiretos. Mais uma novidade foi a aquisição de uma máquina de papel no valor de R\$38 milhões, que fortalecerá o setor de embalagens. Segundo o diretor superintendente da Irani, Hans Laueremann, a empresa é tradicional no negócio de papel kraft, mas está se consolidando no ramo de embalagens de papelão ondulado. Ressalta ainda que, em breve, este setor será responsável por 50% do faturamento da empresa. Este ano, segundo cálculos, o faturamento será de R\$175 milhões, já contando com esta nova unidade. Com a máquina adquirida, lançará no mercado, no final deste ano, um novo produto: Hard Box "Papelão Triplex", com três ondas internas. Até agora este produto só é obtido via importação. Essa embalagem será destinada, principalmente, para os setores automobilístico, químico e fruticultura para exportação. Além do alto nível de resistência, tem vantagens econômicas, logísticas e para o meio ambiente. Os números mostram que com as novas máquinas de papel e papelão, a indústria passa de 83.258 toneladas produzidas em 2000, para 144 mil toneladas em 2002, cerca de 400 toneladas/dia.



Motosserra Stihl 036. Tecnologia para operações florestais.

O trabalho florestal agora pode contar com um forte aliado: a motosserra Stihl 036. Desenvolvida com tecnologia Nº 1 no mundo, a Stihl 036 vem equipada com um exclusivo Compensador que otimiza a mistura ar-combustível quando o filtro está sujo, permitindo maiores intervalos entre as limpezas. Além disso, esta

máquina apresenta a melhor relação peso e potência em sua categoria garantindo excelente desempenho para o operador. Outra vantagem é você poder contar com mais de 1000 revendas no Brasil com assistência técnica e peças originais. Motosserra Stihl 036. Se é Stihl, pode confiar.



Andreas Stihl Moto-Serras Ltda.
Fone: (51) 579.8294 - Fax: (51) 579.8390
<http://www.stihl.com.br>

STIHL®

A Importância do CERFLOR

Mario Leonel

A proposta de reconhecimento mútuo internacional de sistemas de certificação florestal, que está sendo desenvolvido no âmbito do IFIR-International Forest Industry Roundtable, foi aprovada na 9ª reunião do IFIR, em Agosto último, na Noruega e agora começa a ser implantada. O processo envolve, inicialmente, discussões de alto nível entre executivos da indústria florestal e dirigentes de partes interessadas, como clientes, comércio varejista, editores, governos e ONGs.

Todo esse processo nasceu da crescente preocupação, originária principalmente dos países europeus, com a certificação de produtos cuja fabricação exige cuidados ecológicos. Nas florestas, essa preocupação se volta para o manejo sustentável em termos de boas práticas de cultivo e de seus aspectos ambientais e sócio-econômicos.

No início do processo, o FSC-Forest Stewardship Council – organismo internacional para a certificação florestal – criou capítulos em diferentes países, inclusive entre nós, para desenvolver padrões de manejo visando certificar as florestas locais. Vários stakeholders da atividade florestal – o Brasil entre eles – sentiram a necessidade de desenvolver sistemas alternativos ao FSC, a fim de evitar a criação de um monopólio global de certificação, que poderia prestar-se ao surgimento de barreiras não-tarifárias ao comércio internacional.

Sob a égide do IFIR reuniram-se então especialistas de todo o mundo, para discutir a criação de um sistema de reconhecimento mútuo (*mutual recognition*), que consiste na avaliação conjunta de sistemas nacionais ou regionais, cujos processos sejam equivalentes e adequados aos padrões desejados de preservação ecológica e boas práticas florestais. A confiança entre as partes e a aceitação dos procedimentos e mecanismos técnicos utilizados para conceder a certificação constituem a base do reconhecimento mútuo. O objetivo é a criação de um “colar” alternativo ao FSC de certificações locais, aceitas umas pelas outras, que possam dar endosso ambiental aos produtos de origem florestal.

Esse processo recebeu também importante impulso da CEPI-Confederation of European Paper Industries, que elaborou uma Matriz Comparativa de Sistemas de Certificação Florestal, a fim de ajudar na padronização dos elementos de credibilidade de certificação.

No Brasil, o sistema nacional de certificação florestal, em fase de conclusão, é o CERFLOR, que consiste no comprometimento voluntário de empresas privadas para certificação de manejo florestal e de origem da matéria-prima. Seu desenvolvimento está sendo realizado, de forma independente, no arcabouço do SBC-Sistema Brasileiro de Certificações. Neste sistema as normas brasileiras de manejo estão sendo desenvolvidas na ABNT-Associação Brasileira de Normas Técnicas, que é o Fórum Nacional de Normalização. As regras de todo o processo, de modo a assegurar credibilidade internacional, estão sendo desenvolvidas no INMETRO-Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, que é o órgão executivo e credenciador do SBC. Nesse processo são ouvidas todas as entidades atuantes na indústria florestal, como a Bracelpa, a SBS, a ABRACAVE-Associação Brasileira de Florestas Renováveis e outras, bem como instituições de pesquisa, organismos reguladores e representantes de consumidores. Esse sistema, que, num primeiro momento, certificará as florestas plantadas, também será adotado, posteriormente, para as florestas nativas.

É tão grande a importância do CERFLOR para o setor produtivo brasileiro que seu desenvolvimento vem sendo apoiado pelo governo federal. O Brasil, favorecido por um clima propício ao rápido crescimento vegetal – e, portanto, dono de excelente potencial de negócios para florestas plantadas – precisa manter-se não só atualizado sobre tais procedimentos internacionais, como muito atuante nesse contexto, a fim de valorizar sua madeira e os produtos dela derivados.

E a Bracelpa, que reúne os grandes fabricantes de celulose de *pinus* e eucalipto – inclusive o maior produtor do mundo, que é a Aracruz – é favorável à certificação das florestas plantadas da nossa indústria e definitivamente apoia o CERFLOR como uma indispensável forma brasileira de certificação, da mesma forma que deu apoio ao FSC.

* Mário Higino
N. M. Leonel é
diretor executivo
da Bracelpa -
Associação
Brasileira de
Celulose e Papel.



Produzimos este papel para revelar a natureza da Klabin

A preocupação da Klabin com o manejo florestal sustentável já vem de longa data.

A empresa que foi pioneira e é uma das maiores em reflorestamento no país, realiza intenso programa de pesquisas ambiental e florestal em extensas áreas de preservação de florestas naturais. Possui, além disso, um parque ecológico, onde preserva diversas espécies nativas e em extinção.

Responsável pela implementação das primeiras iniciativas ligadas à educação ambiental no país, desenvolve programas de conscientização de funcionários e da comunidade em geral, aos quais, através de laboratório fitoterápico próprio, pesquisa, desenvolve e fornece medicamentos de excelente qualidade, a baixos custos.

Estas constantes iniciativas da empresa e um profundo respeito pela natureza propiciaram as diversas certificações e prêmios recebidos. Entre eles, destacam-se:

- ☐ ISO 14001 - Klabin Papéis - Paraná e Klabin Riocell;
- ☐ Forest Stewardship Council - primeira empresa do setor de papel e celulose das Américas a ter suas florestas certificadas.

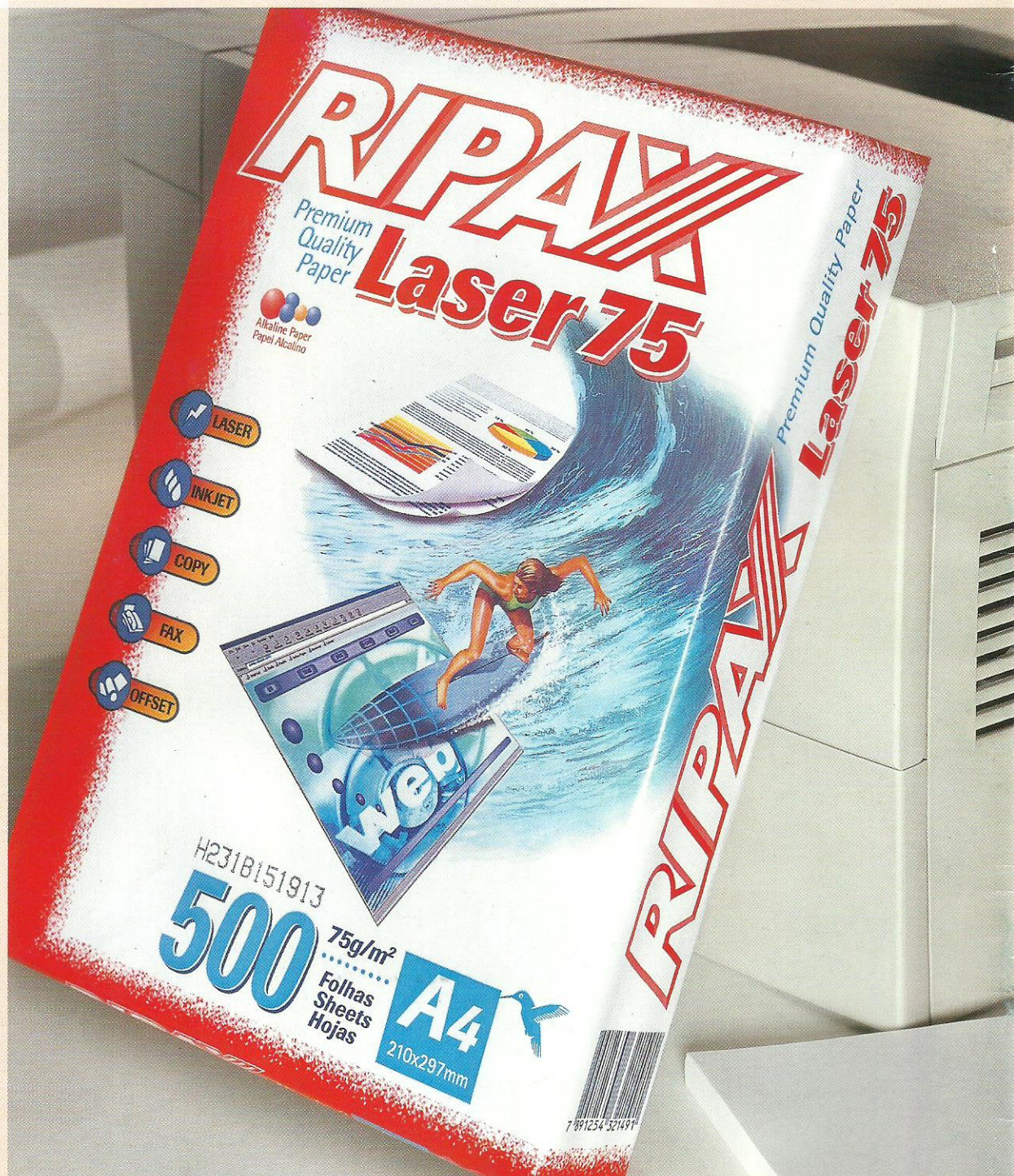


Indústrias **Klabin**

rua do Rocio 109
04552-000 São Paulo SP
tel +55 11 3046 5800
fax +55 11 3046 5928
vendasembalagens@klabin.com.br
www.klabin.com.br

KLABIN - UM PROFUNDO RESPEITO PELA NATUREZA

*É eficiente, funcional e causa
uma excelente impressão.
Para o seu escritório, contrate Ripax.*



No escritório, versatilidade é fundamental. E qualidade é tudo. Por isso, no dia-a-dia, a marca do papel faz toda a diferença. O Ripax Laser 75 garante impressões nítidas e cores vivas aos seus trabalhos. E você ainda tem muitas outras opções: Ink Jet 90, Rainbow e Soho Ink Jet 720 dpi. Uma equipe completa para atender as suas exigências.

DISC RIPAX
0800 16 06 06

ripasa

www.ripasa.com

Fabricante do papel Ripax.